



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

NJINGA A MBANDE

RAINHA DO NDONGO E DO MATAMBA



Série UNESCO Mulheres na história de África





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

A série UNESCO Mulheres na História de África, produzida pela Divisão das sociedades de conhecimento Sector da comunicação e informação da UNESCO, foi realizada no quadro da plataforma intersectorial Prioridade África, com o apoio da Divisão para a igualdade de género. Esta iniciativa foi financiada pelo governo da República da Bulgária.

Especialista da UNESCO responsável pelo projecto: Sasha Rubel
Direcção editorial e artística: Edouard Joubeaud

Publicado em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO)
Praça de Fontenoy n°7, Paris 75352 107 SP, França

© UNESCO 2014
ISBN: 9789237000038



Obra publicada em acesso aberto sob a licença Attribution-ShareAlike 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Os utilizadores do conteúdo da presente publicação aceitam os termos de utilização do Arquivo em acesso aberto UNESCO (www.unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-fr).

As denominações utilizadas nesta publicação e a apresentação dos dados neles contidos não implicam nenhuma tomada de posição por parte da UNESCO quanto ao estatuto jurídico dos países, territórios, cidades ou zonas, ou de suas autoridades, ou com respeito ao traçado de suas fronteiras ou limites.

As ideias e as opiniões expressas nesta publicação são as dos autores; elas não reflectem necessariamente os pontos de vista da UNESCO e nem qualquer forma de vinculação da Organização.

Ilustração da capa: Pat Masioni
Concepção de página: Dhiara Fasya, Maria de Jesus Ramos
Desenho de logotipo: Jonathas Mello
Iconografia: Obiama Ofoego, Adriana Balducci

Versão portuguesa produzida pela Delegação Permanente de Angola junto da UNESCO.

A historical map of Africa, likely from the 18th or 19th century, showing various regions and rivers. The map is overlaid with text in orange and black. The title 'NJINGA A MBANDE' is in large orange letters, and 'RAINHA DO NDONGO E DO MATAMBA' is in black letters below it. Further down, there is information about the UNESCO series, editorial direction, and details about the book's design and content.

NJINGA A MBANDE

RAINHA DO NDONGO E DO MATAMBA

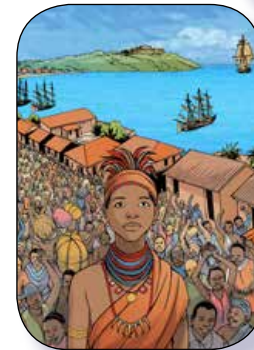
Série UNESCO Mulheres na história de África
Direcção editorial e artística: Edouard Joubeaud

Banda desenhada
Ilustrações: Pat Masioni
Cenário e textos: Sylvia Serbin e Edouard Joubeaud

Dossier pedagógico
Textos: Adriana Balducci e Sylvia Serbin
Validação científica: Simão Souindoula

Índice

1	Introdução	5
2	Biografia	7
3	Banda desenhada	9
4	Dossier pedagógico	39
5	Bibliografia	54



1 Introdução

Luz sobre as mulheres!

A série UNESCO Mulheres na história de África, bem como o site internet com o mesmo nome, têm como objectivo dar luz a uma selecção de figuras femininas da História de África.

Através de uma selecção de 20 personagens, testemunha com efeito, que desde sempre, as mulheres foram ilustradas na história de África, em domínios tão diversos como a diplomacia e a estratégia militar (Njinga a Mbande), a defesa dos direitos humanos (Funmilayo Ransome-Kuti), ou a protecção do ambiente (Wangari Maathai).

Esta lista de 20 mulheres não é evidentemente exaustiva e representa apenas uma ínfima parte do contributo das mulheres africanas, sejam elas conhecidas ou anónimas, para a história do seu país, de África e de toda a humanidade.

Através deste projecto, a UNESCO pretende encorajar as estudantes africanas e de ascendência africana a implicar-se nos estudos de nível superior no domínio da História de África e nas disciplinas conexas (antropologia, linguística, arqueologia, etc.), a fim de contribuir para uma historiografia africana mais justa e mais respeitadora da igualdade de géneros.

Visite e partilhe o site da UNESCO sobre as mulheres na história de África:

www.unesco.org/womeninafrica





A igualdade de géneros, uma das prioridades globais da UNESCO

A Organização esforça-se sem tréguas para promover e integrar princípios de igualdade de género em todos os seus programas, em especial no sector da educação.

Com efeito, a educação permite transmitir o valor fundamental da igualdade entre os sexos: constitui mesmo uma alavanca para que sejam respeitados os direitos fundamentais das mulheres e evidenciar o seu lugar central em todas as sociedades.

Para esse efeito o ensino da História tem um papel determinante a desempenhar, dado que permite clarificar e melhor compreender as funções sociais, políticas, económicas e as condições de vida específicas das mulheres nas sociedades do passado.



História geral de África

A presente publicação inscreve-se no âmbito da fase II do Programa da UNESCO intitulado « A História geral de África ».

A sua primeira fase, lançada em 1964, permitiu a produção de uma colecção completa sobre o tema, agrupando oito volumes traduzidos em treze línguas, acessíveis gratuitamente em versão digital nos sites internet da UNESCO.

A sua fase II, lançada em 2009, intitulada « A Utilização pedagógica da História geral de África ».

O seu objectivo é adaptar os conteúdos dos volumes para o ensino escolar a fim de melhorar o conhecimento dos alunos e estudantes africanos na história do seu continente.

2 Biografia

Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba

Njinga a Mbande (1581 - 1663), rainha do Ndongo e do Matamba, marcou a história de Angola do século XVII. Os projectos mercantis europeus, em particular de desenvolvimento do tráfico de escravos na costa da África austral, alteram a paisagem política, social e cultural do reino do Ndongo e de toda a região. Foi neste contexto que Njinga a Mbande cresceu e se impõe como um notável exemplo de governo feminino.

Em 1617, Ngola Mbande Kiluanji, rei do Ndongo, morre. O seu filho, Ngola Mbande, torna-se o novo rei.

Porém, não tem o carisma do seu pai, nem a inteligência da sua irmã Njinga a Mbande. Em 1622, influenciado pelos portugueses, envia Njinga a Mbande como embaixadora a Luanda para negociar a paz com Dom João Correia De Sousa, vice-rei de Portugal. Njinga revela-se então como uma negociadora e uma diplomata fora do comum.

Em 1624, Ngola Mbande morre. Njinga toma posse e torna-se rainha. Impõe-se desde logo como uma soberana de excepção. A sua tática de guerra e de espionagem, as suas qualidades como diplomata, a sua capacidade para tecer múltipla e estratégicas alianças, e por fim o seu conhecimento das implicações comerciais e religiosas, permitir-lhe-ão opor resistência tenaz aos projectos coloniais portugueses até à sua morte em 1663.



Estátua de Njinga a Mbande em Luanda,
República de Angola.
Fotografia de Erik Cleves Kristensen, 2006

Cronologia

Decreto do monopólio português de navegação na costa ocidental africana pelo regente D. Pedro.

1443

Disposições da Bula papal Romanus Pontifex pelo papa Nicolau V, determinando que os territórios a sul do Cabo Bojador e do Cabo não pertencem ao reino de Portugal.

1455

Chegada do navegador português Paulo Dias de Novais ao reino do Ndongo.

1560

Fundação da cidade de Luanda por Paulo Dias de Novais.

1575

Início da guerra do Ndongo contra os portugueses.

Por volta de 1580

Nascimento de Njinga a Mbande.

1581/82

Ngola Mbande Kiluanji, pai de Njinga a Mbandi torna-se rei do Ndongo.

1592

Morte de Ngola Mbanei Kiluanji. Ngola Mbande, irmão de Njinga a Mbande, toma o poder.

1617

Njinga é enviada como embaixadora do Ndongo a Luanda para negociar um tratado de paz com o governador português, Dom João Correia de Sousa.

1622

Batismo de Njinga a Mbande em Luanda, pelo qual recebe o nome de Dona Ana de Sousa.

1623

1623/24

Njinga torna-se rainha do Ndongo depois do falecimento do irmão.

1626-1629

Njinga perde o seu trono e recolhe posições em Matamba.

1630/31

Estabelece-se uma nova capital para o reino de Njinga em Matamba.

1641-1648

Njinga tece uma aliança estratégica com os holandeses que ocupam Luanda naquela época.

1646

Batalha de Senga em Kavangaem. Njinga luta contra 20 000 soldados portugueses.

1648

Batalha de Ilamba e vitória do exército de Njinga.

1657

Assinatura do tratado de paz com os Portugueses.

1663

Morte de Njinga a Mbande.

1930

Publicação do Acto colonial, através do qual Portugal define formalmente a colonização dos territórios da actual Angola.

1975

Independência de Angola.



3 Banda desenhada

Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba

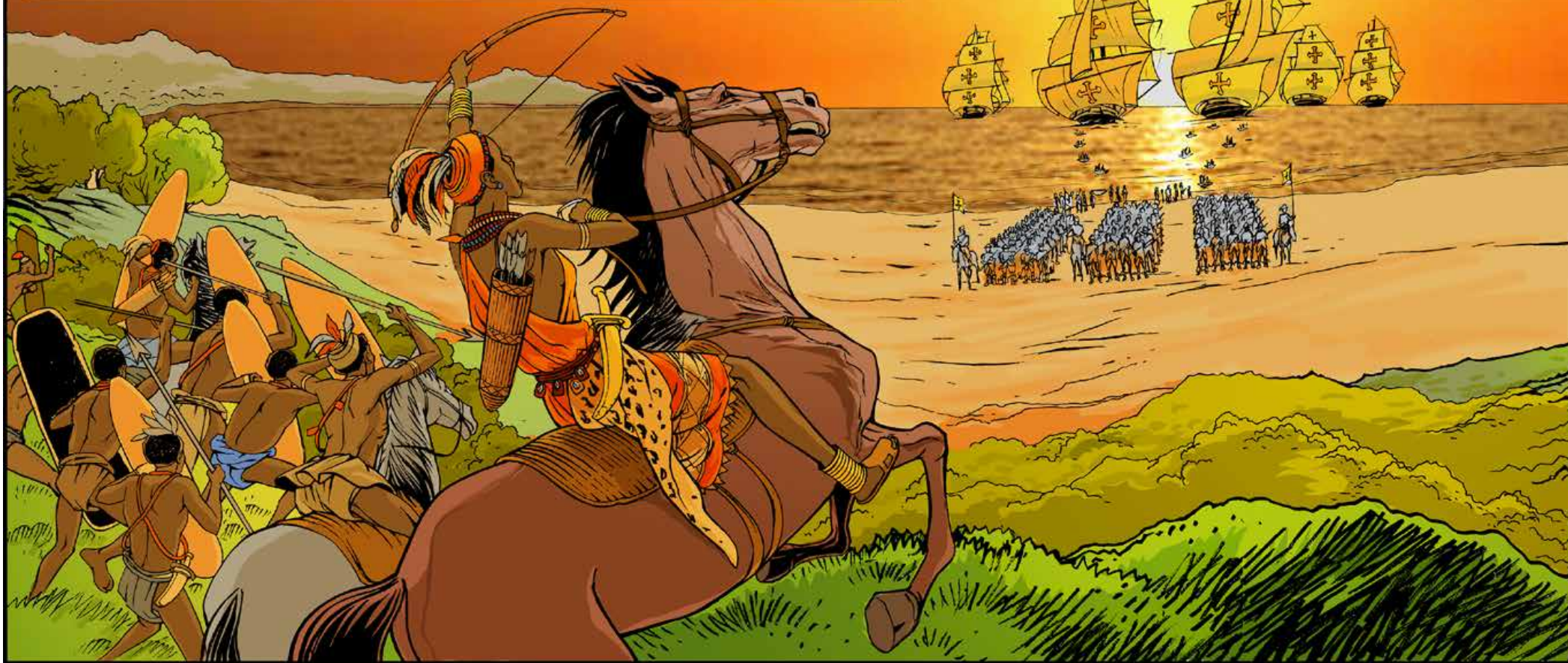
Preâmbulo

A banda desenhada que se segue propõe uma interpretação de algumas passagens da vida de Njinga a Mbande. As ilustrações apresentadas advêm de um trabalho de pesquisa histórica e iconográfica sobre Njinga a Mbande e Angola do século XVII.

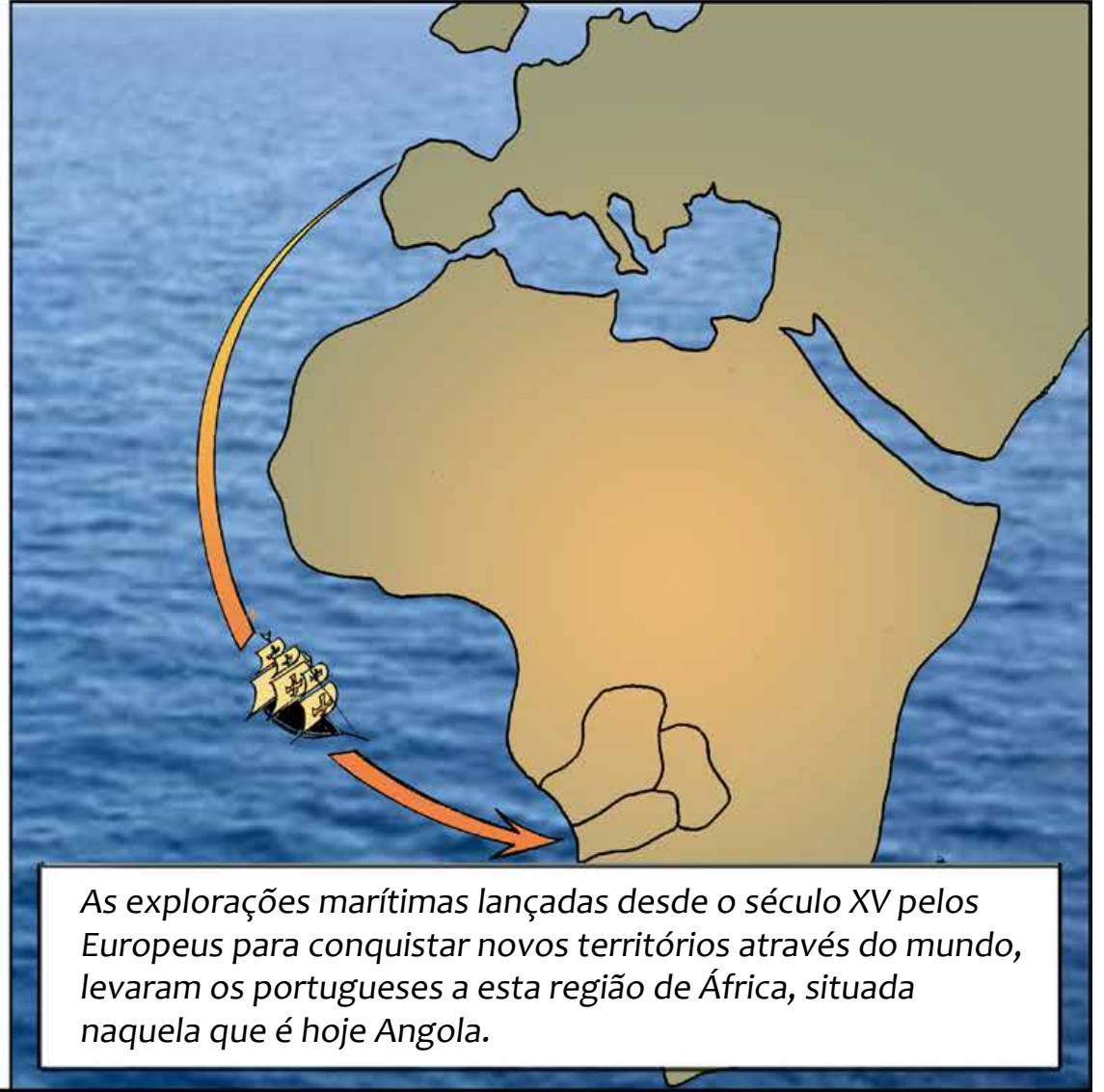
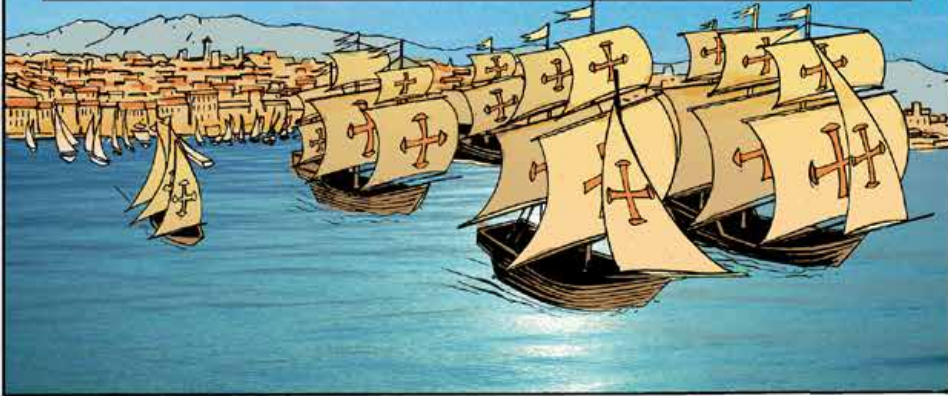
Também elas constituem uma interpretação e não pretendem de modo algum representar com exactidão os factos, as personagens, a arquitectura, os penteados ou as indumentárias da época.



Figura da resistência africana contra o colonialismo, a Rainha Njinga marcou a história de Angola do século XVII. Estratega sem par e hábil negociadora, defendeu o seu país sem par até à sua morte, em 1663, com 82 anos.

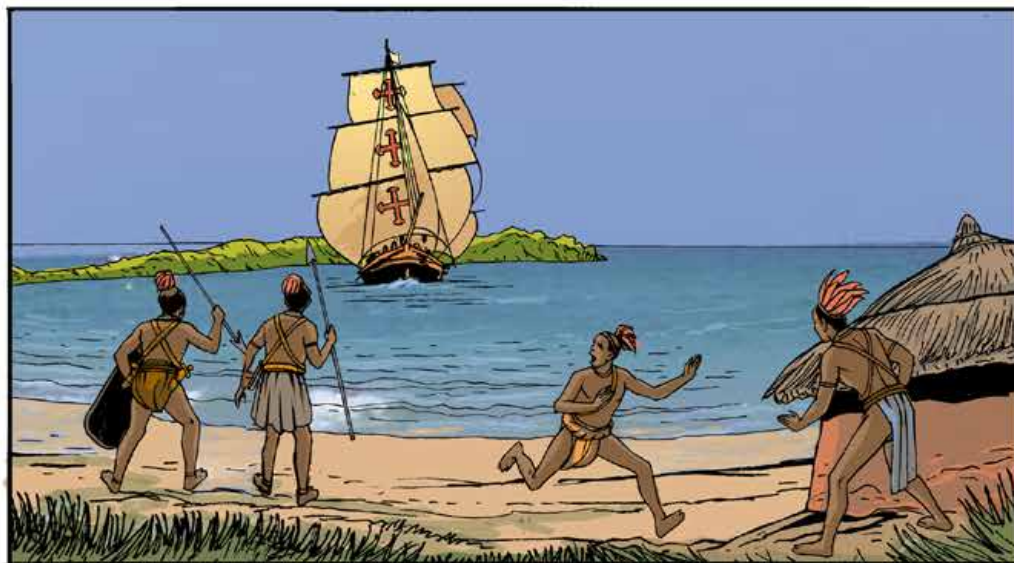
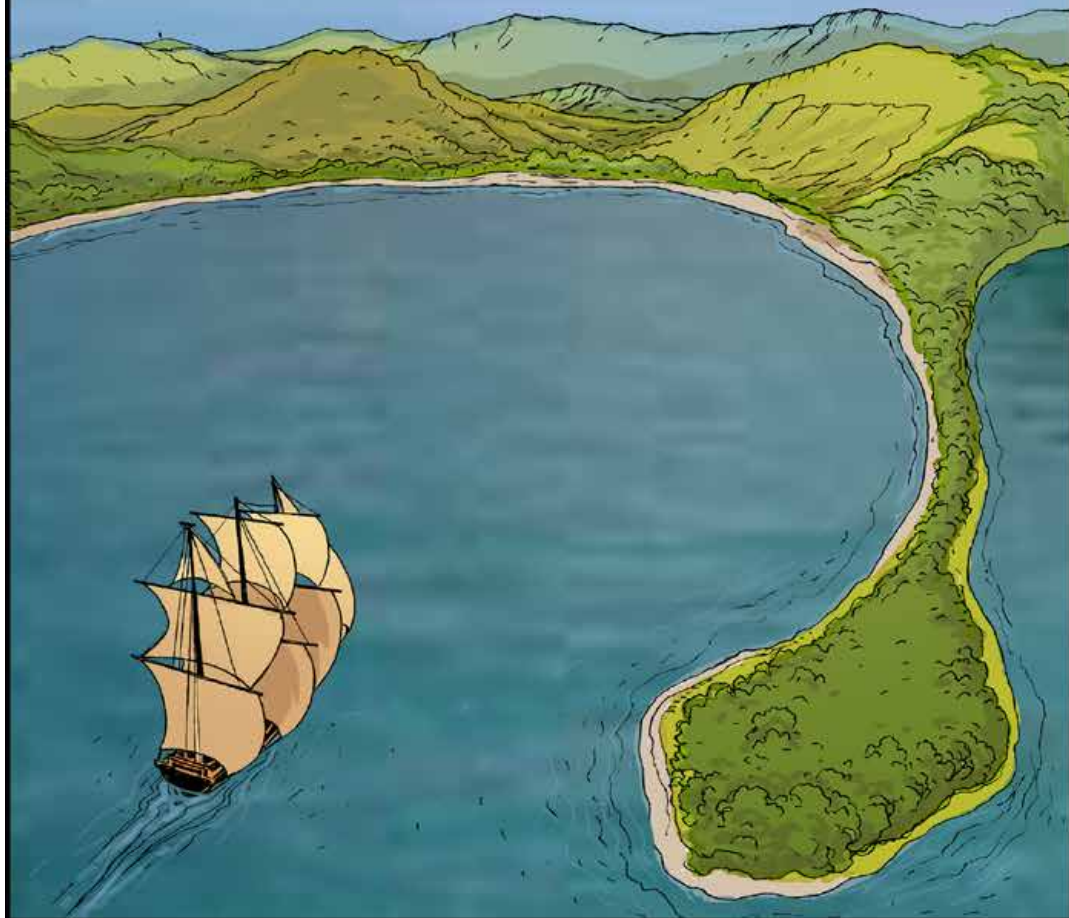


Estamos no século XVI. Pára uma ameaça sobre o reino de Ndongo.

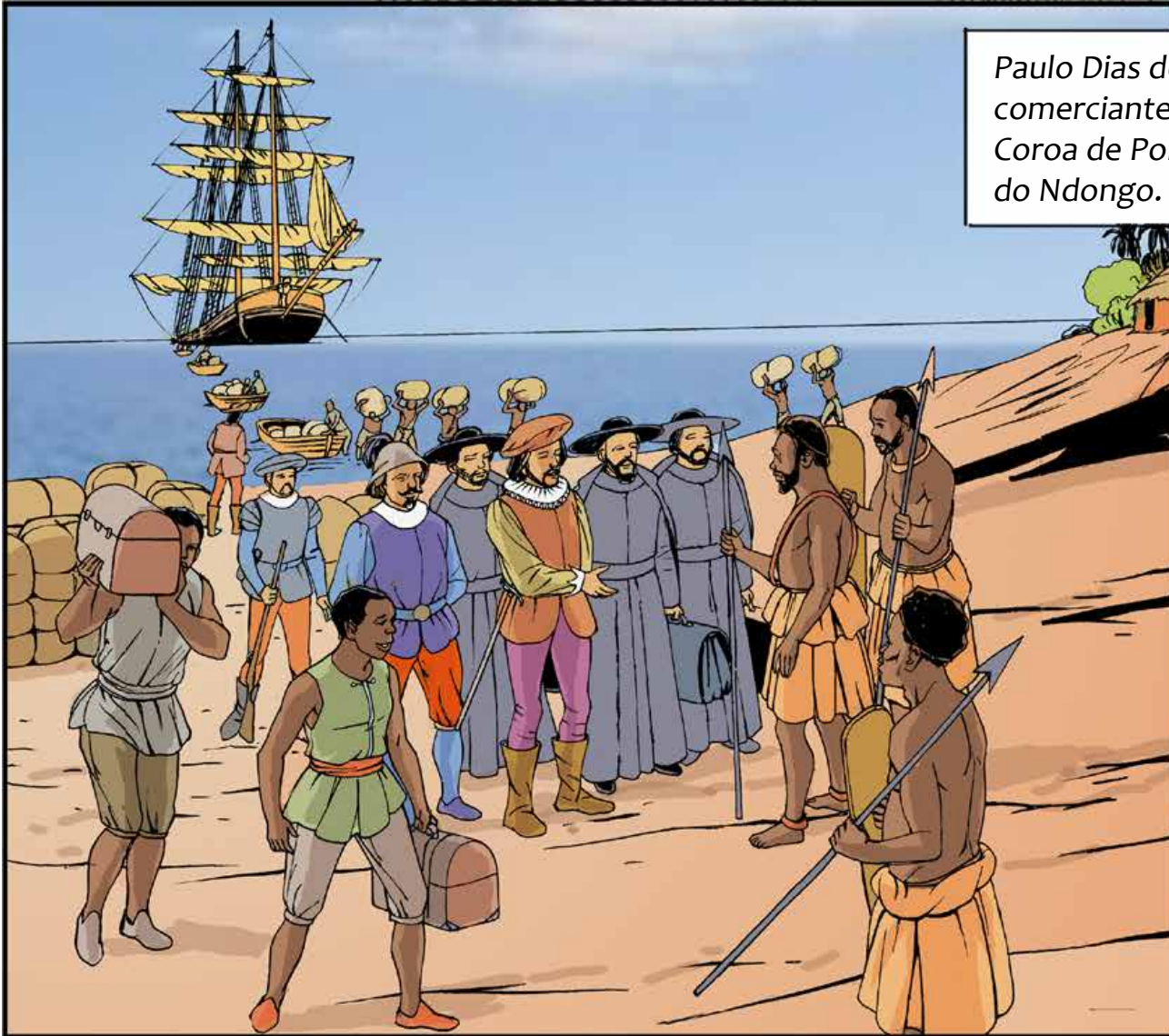


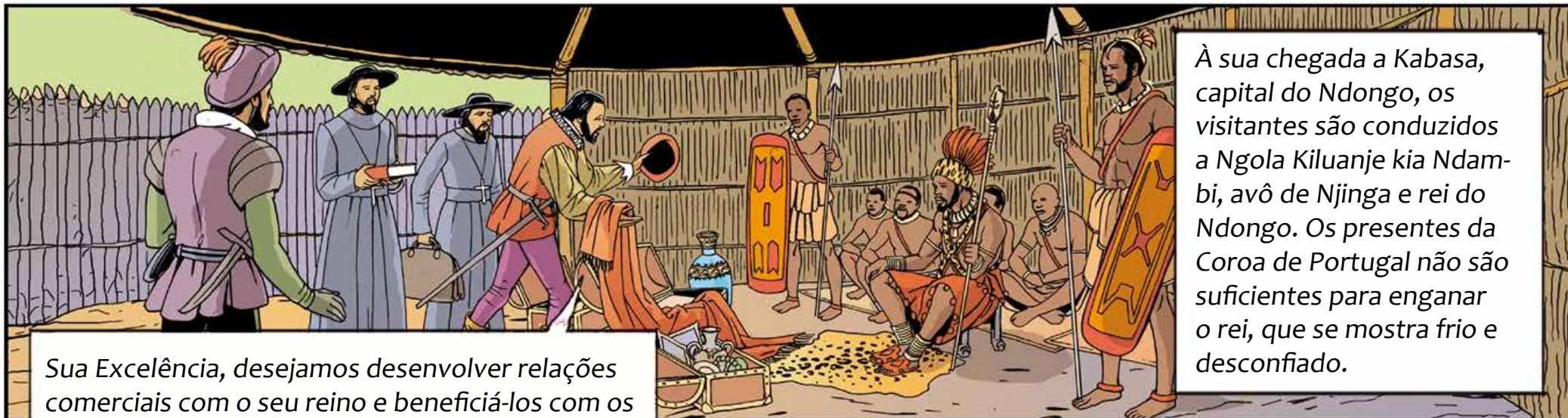
As explorações marítimas lançadas desde o século XV pelos Europeus para conquistar novos territórios através do mundo, levaram os portugueses a esta região de África, situada naquela que é hoje Angola.

Em 1560, depois de um longo périplo, o explorador português Paulo Dias de Novais chega às margens do Ndongo, perto da foz do rio Kwanza.



Paulo Dias de Novais é acompanhado por jesuítas, comerciantes e dignatários portugueses. Diz-se enviado pela Coroa de Portugal e pede para ser apresentado ao rei do Ndongo.





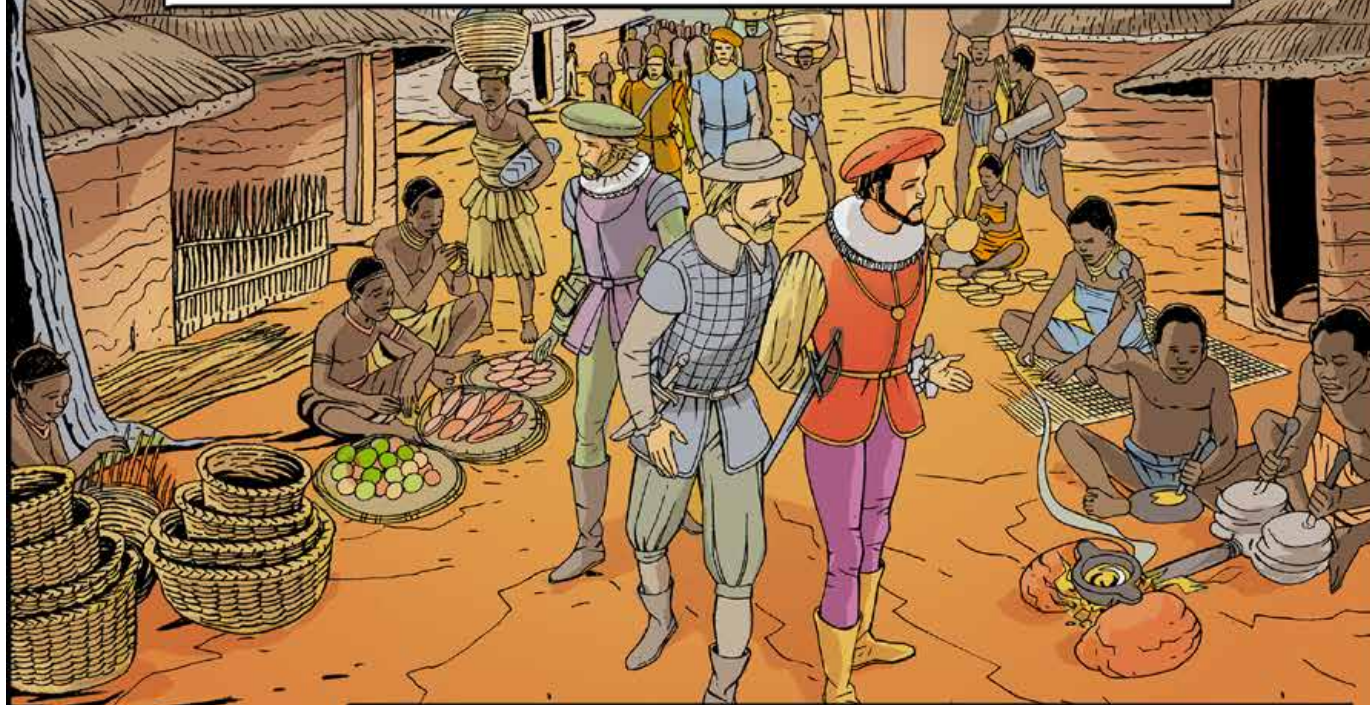
Sua Excelência, desejamos desenvolver relações comerciais com o seu reino e beneficiá-los com os nossos missionários.

À sua chegada a Kabasa, capital do Ndongo, os visitantes são conduzidos a Ngola Kiluanje kia Ndambi, avô de Njinga e rei do Ndongo. Os presentes da Coroa de Portugal não são suficientes para enganar o rei, que se mostra frio e desconfiado.



Muito bem. Autorizo-vos a ficarem no meu país e visitar Kabasa. Fiquem, porém, sabendo que sereis vigiados e que não deixarão a cidade sem a minha autorização.

Durante a sua estadia, os portugueses descobrem uma sociedade hierarquizada e bem organizada, assim como os múltiplos talentos dos habitantes do Ndongo, em domínios como o comércio, a metalurgia, a criação de gado e a agricultura.



Fazem um recenseamento das riquezas do país e procuram em particular minas de ouro e prata, cobiçadas pela Coroa portuguesa para cunhar a sua moeda.

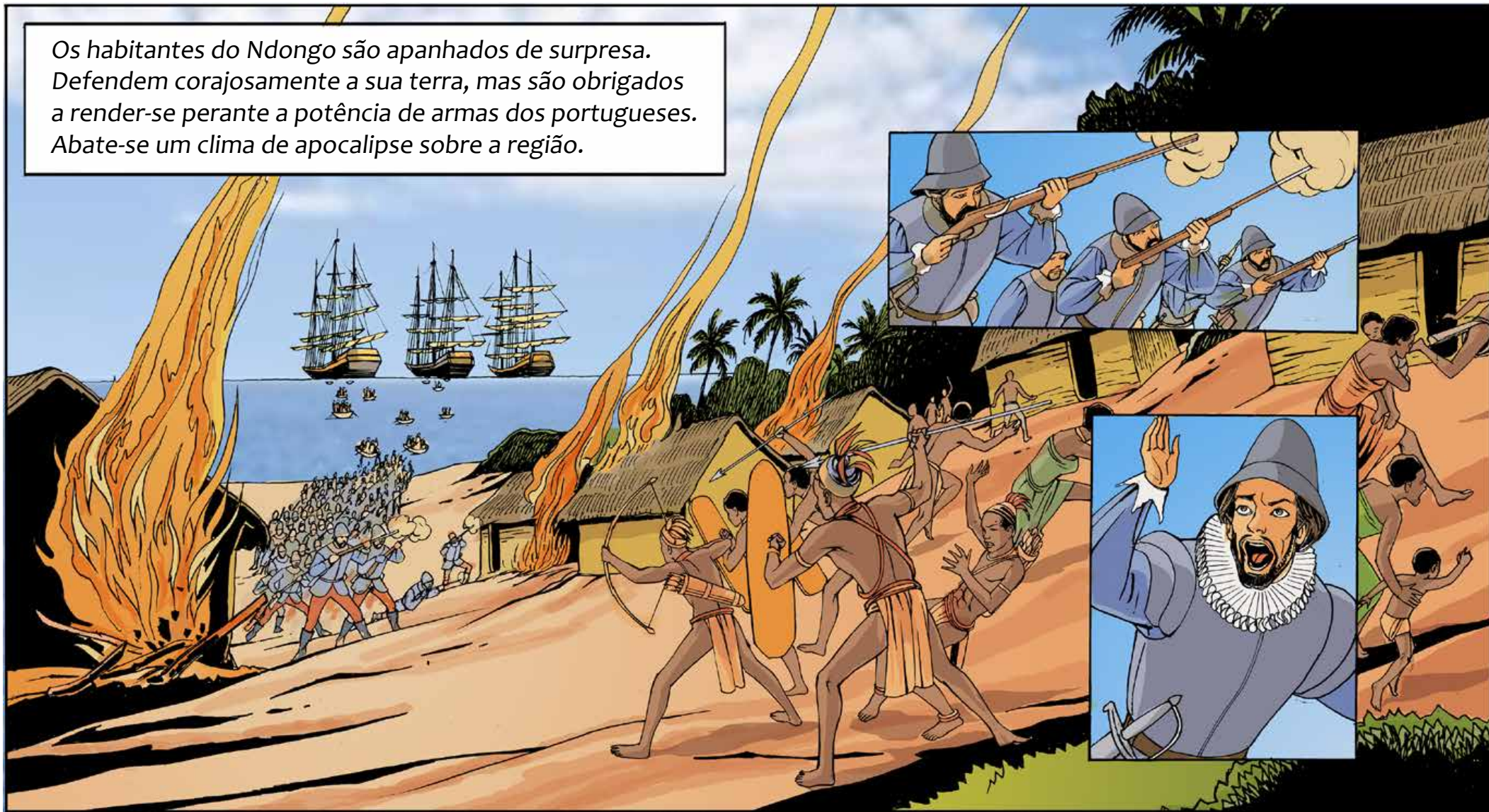
Cinco anos mais tarde, Ngola Kiluanje kia Ndambi autoriza Paulo Dias de Novais a regressar a Portugal, com a condição deste regressar no comando de um exército para o ajudar a combater contra os reinos vizinhos.



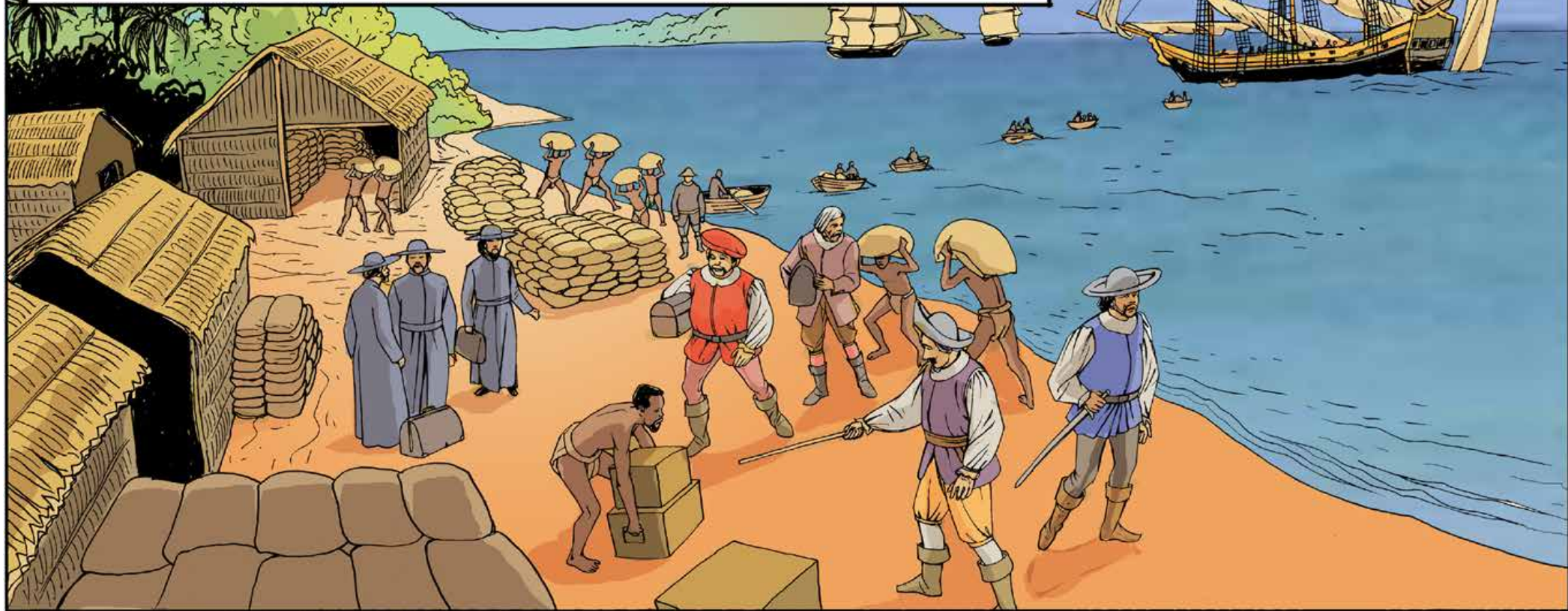
Dez anos mais tarde, em 1575, Paulo Dias de Novais regressa ao Ndongo liderando uma frota de caravelas cheias de soldados. Contudo, a sua missão não é a de ajudar o rei do Ndongo, mas tomar posse daquela terra pela força, em nome do Rei de Portugal.



Os habitantes do Ndongo são apanhados de surpresa. Defendem corajosamente a sua terra, mas são obrigados a render-se perante a potência de armas dos portugueses. Abate-se um clima de apocalipse sobre a região.



Rapidamente os portugueses tomam a faixa marítima do Ndongo, que chamam Angola. No mesmo ano, 1575, fundam a cidade portuária de São Paulo da Assunção de Loanda (Luanda). A invasão continua. As fronteiras do Ndongo reduzem-se para leste enquanto os migrantes portugueses desembarcam em grande número em Luanda: missionários, camponeses, mercadores e outros aventureiros herdaram terras arrancadas aos Africanos.



Por não conseguirem encontrar minas de ouro e de prata, os portugueses decidem desenvolver massivamente o comércio de escravos para alimentar em mão-de-obra a nova colónia do Brasil.

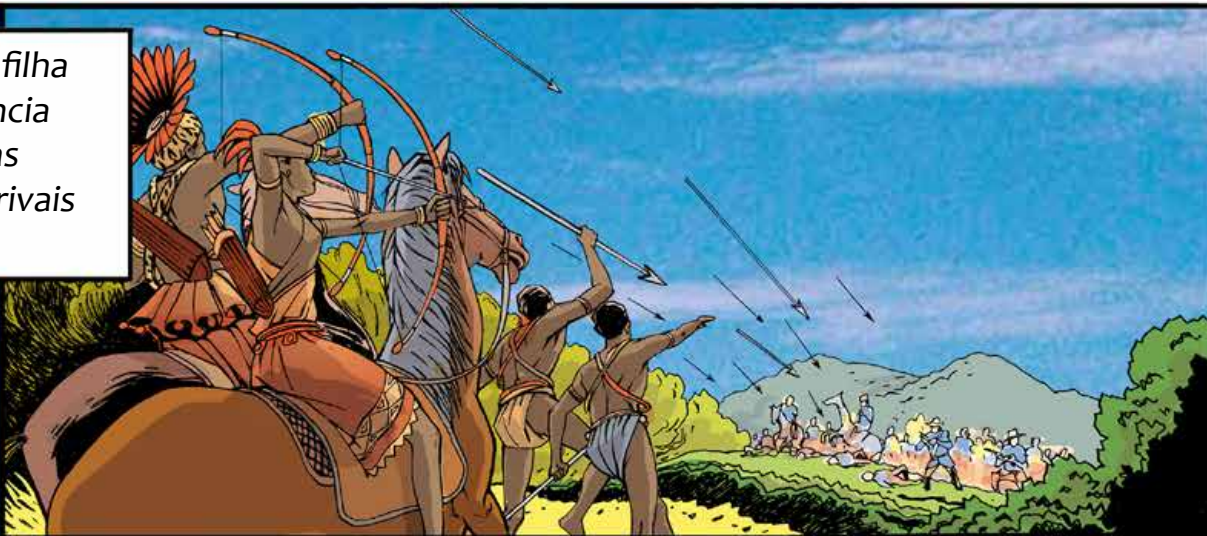


Querem fazer de Luanda um dos portos negreiros mais importantes do continente. O seu objectivo é controlar o rio Cuanza e penetrar profundamente nas terras do Ndongo, para alimentar Luanda com escravos.

É durante este período sombrio que vive a jovem Njinga. À medida que cresce, vai testemunhando a resistência de seu pai, o rei Mbande Ngola Kiluanji, e as violentas transformações que impõem os portugueses em toda a região.



Desde muito cedo, o pai de Njinga presente na sua filha aquele temperamento de fogo e orgulhosa inteligência que são o estofado dos heróis. Ela acompanha-o muitas vezes para defrontar os conquistadores e os reinos rivais da região.



Njinga recebeu uma educação de qualidade e aprendeu a escrever graças aos missionários e aos comerciantes portugueses de passagem. Contudo nunca aceita que o seu reino esteja submetido a uma potência estrangeira.

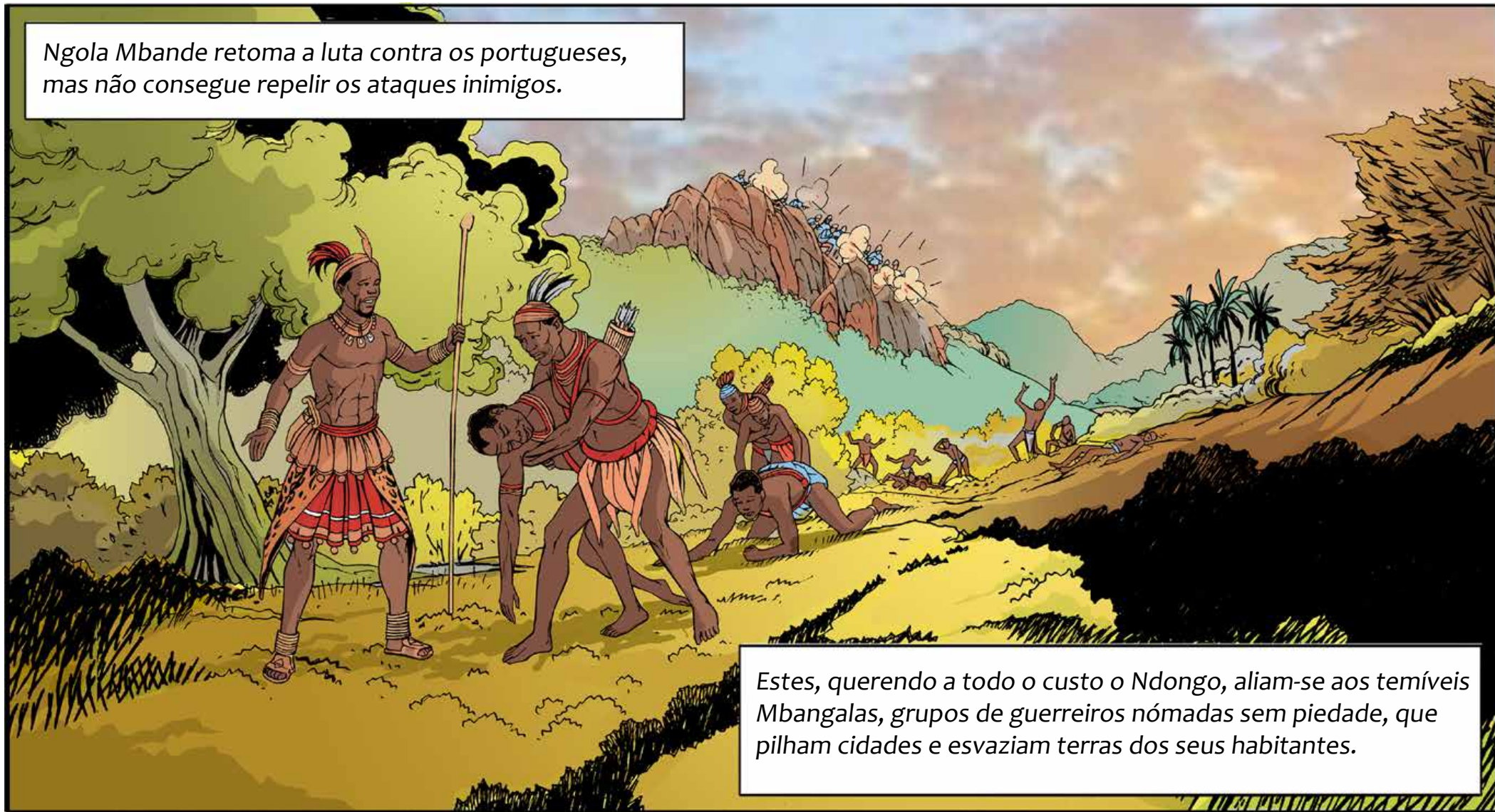
Em 1617, Mbande Ngola Kiluanji, rei do Ndongo, morre. Seu filho, Ngola Mbande, toma posse e torna-se o novo rei. Contudo não tem nem o carisma do pai, nem a inteligência da irmã que detesta e de quem tem inveja.



Receando complots à sua volta, Ngola Mbande manda matar o filho único da sua irmã com apenas alguns anos. Njinga fica profundamente abalada.

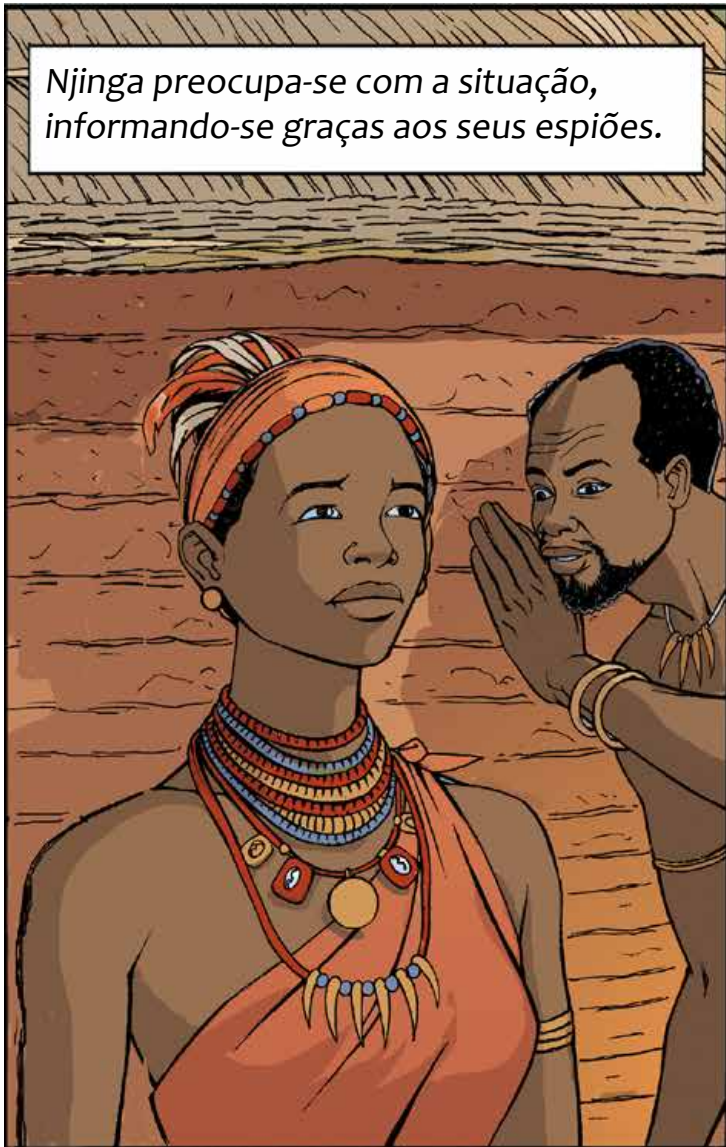


Ngola Mbande retoma a luta contra os portugueses, mas não consegue repelir os ataques inimigos.

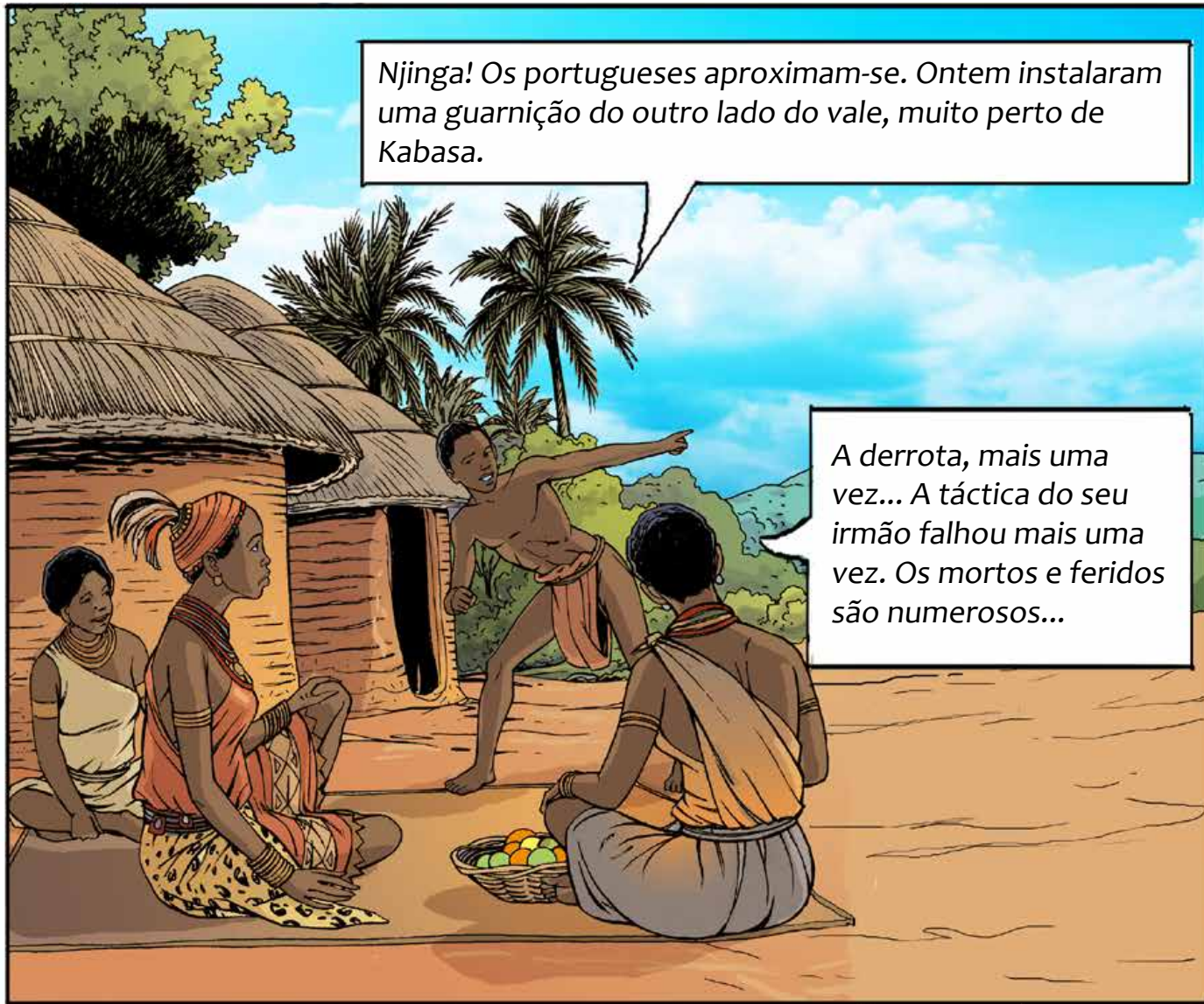


Estes, querendo a todo o custo o Ndongo, aliam-se aos temíveis Mbangalas, grupos de guerreiros nómadas sem piedade, que pilham cidades e esvaziam terras dos seus habitantes.

Njinga preocupa-se com a situação, informando-se graças aos seus espiões.



Njinga! Os portugueses aproximam-se. Ontem instalaram uma guarnição do outro lado do vale, muito perto de Kabasa.



A derrota, mais uma vez... A tática do seu irmão falhou mais uma vez. Os mortos e feridos são numerosos...

As terras são devastadas. A fome espalha-se e o tráfico de escravos, tão precioso para os portugueses, torna-se impossível. Propõem então a negociação de um tratado de paz...



A sua irmã Njinga! Só a sua irmã conseguirá proteger os nossos interesses!

Ela fala a língua deles e saberá fazer-lhes frente. Deixe-me conduzir a delegação e manterei a sua irmã sob vigilância!



Ngola Mbande acaba por aceitar os conselhos dos anciãos e encarrega Njinga de ir a Luanda negociar a paz com Dom João Correia De Sousa, vice-rei de Portugal.

Njinga põe-se logo a caminho e atravessa o país em direcção a Luanda. Pelo caminho cruza escravos em fuga e famílias de refugiados.

Pilhada, roubada, queimada!

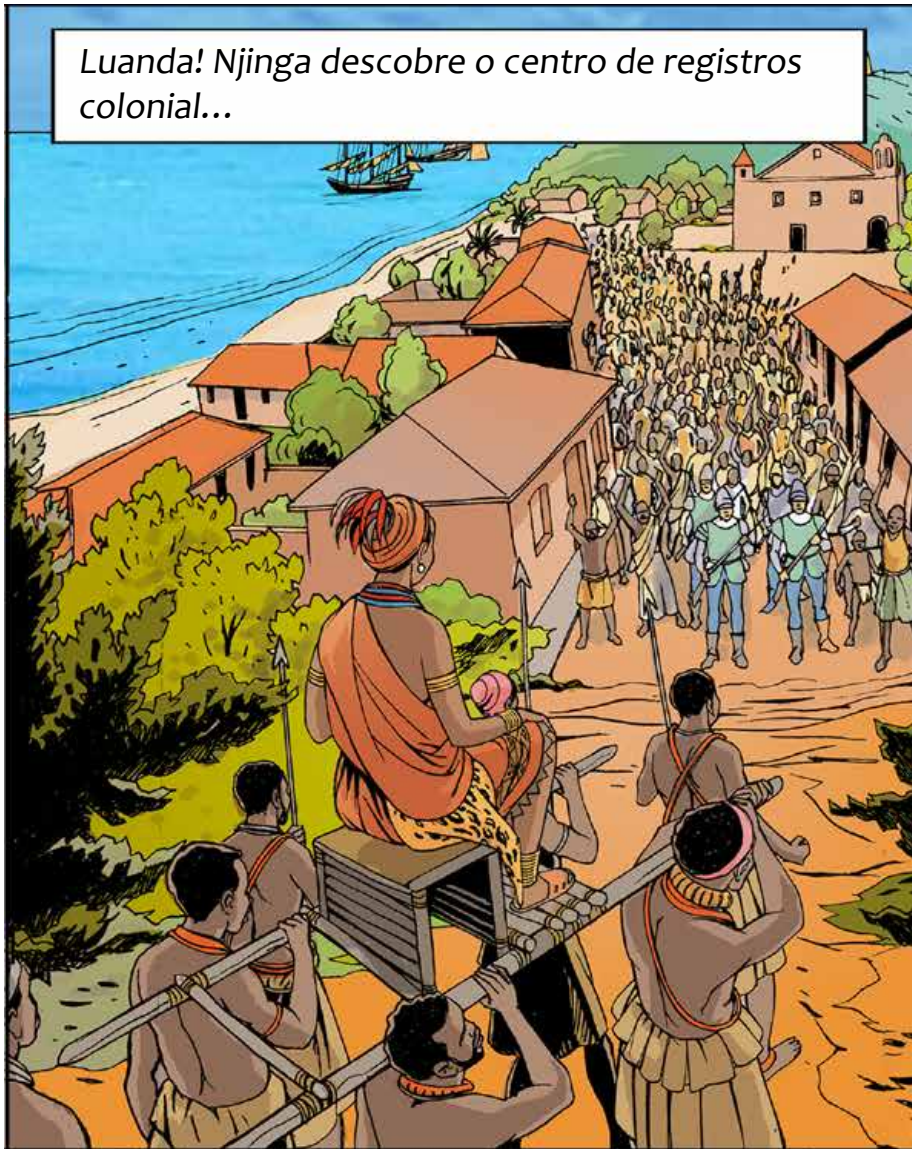
Já nada resta da nossa aldeia. Os Mbalagas destruíram tudo e somos os únicos sobreviventes...

Em Luanda, os escravos embarcaram em grandes navios!
Nunca mais os veremos!

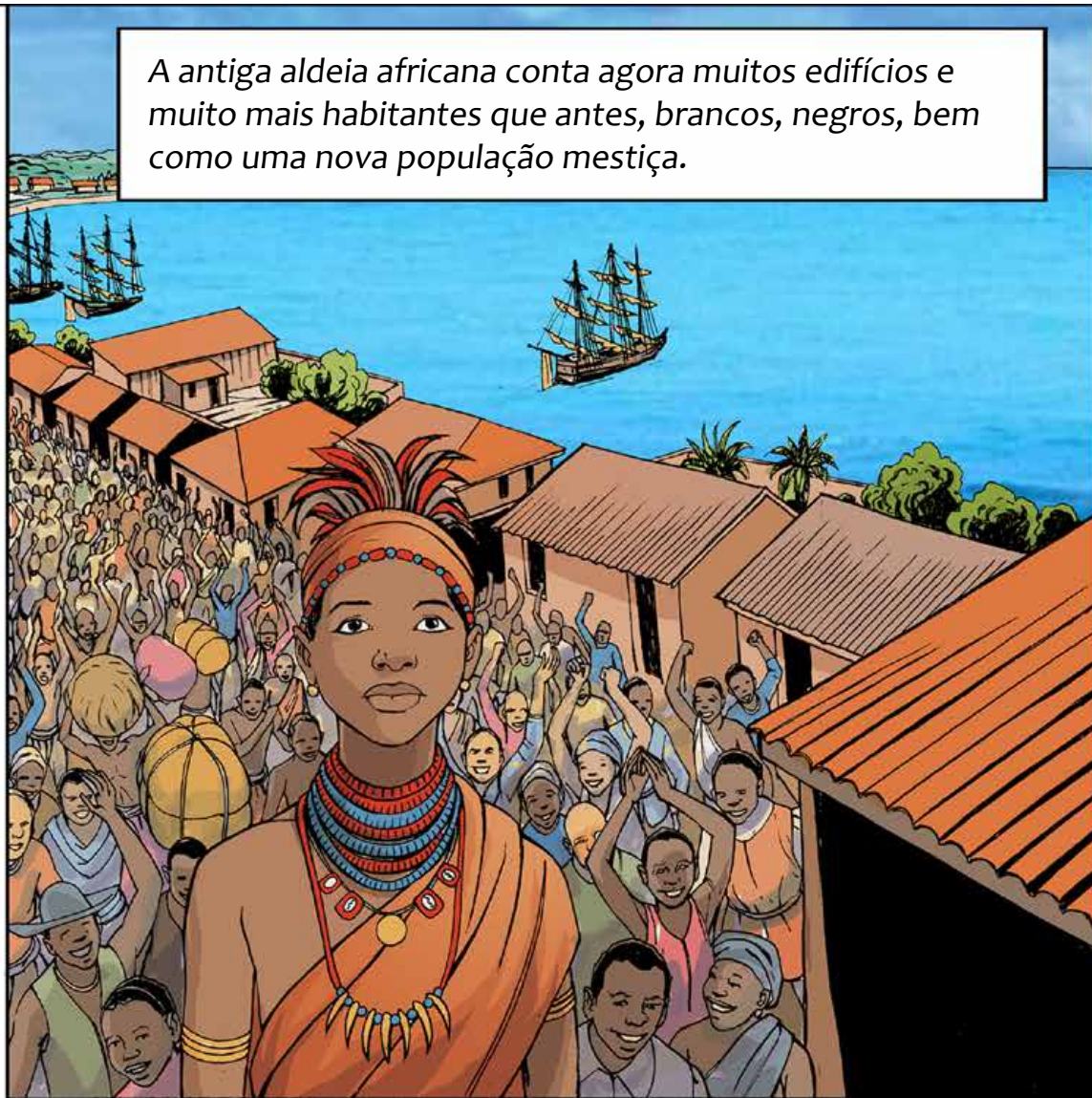
Sigam esta estrada, chegarão ao Ndongo e lá encontrarão a liberdade e terão a vida salva! Transmitam esta mensagem a todos os que cruzarem no caminho!



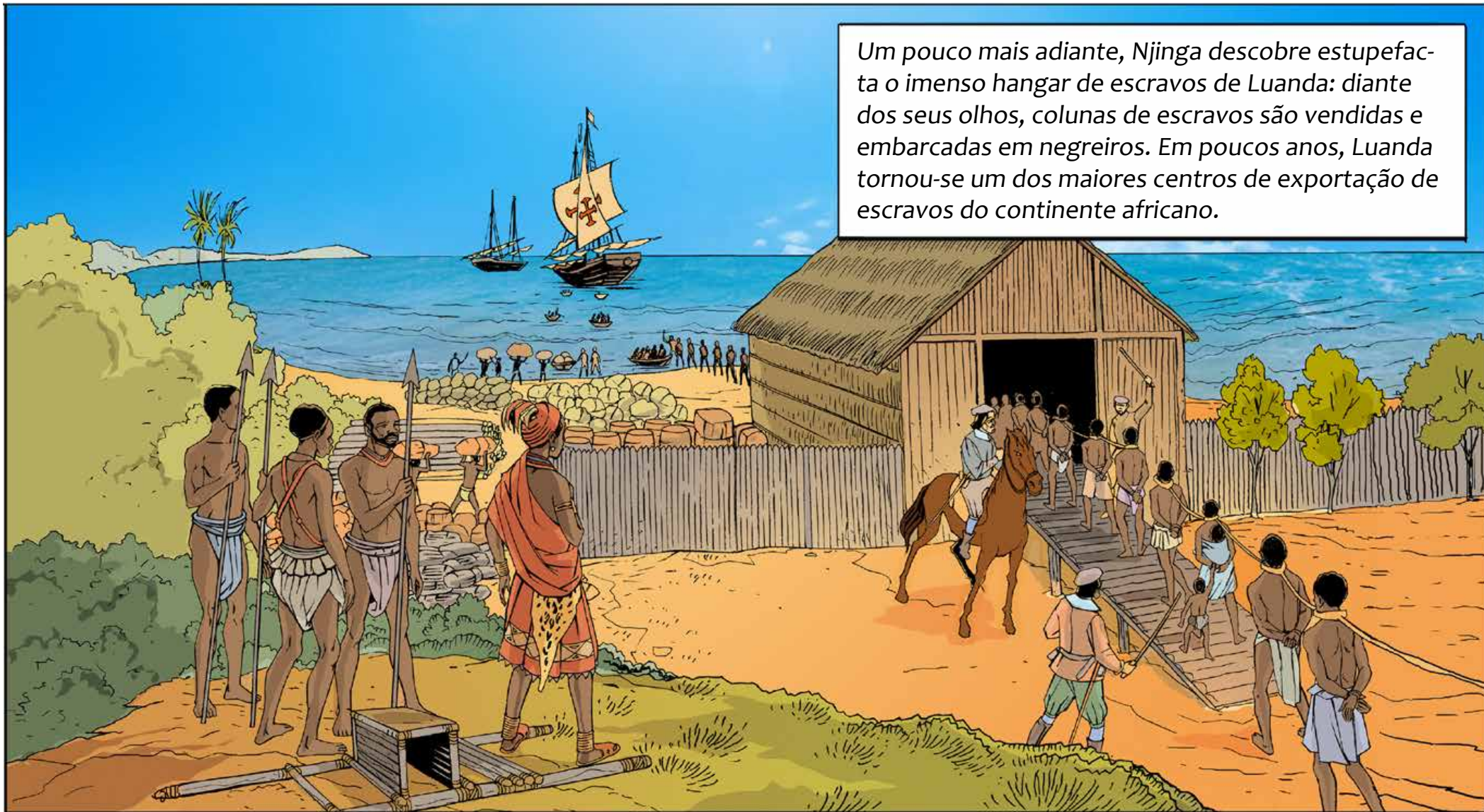
Luanda! Njinga descobre o centro de registos colonial...



A antiga aldeia africana conta agora muitos edifícios e muito mais habitantes que antes, brancos, negros, bem como uma nova população mestiça.



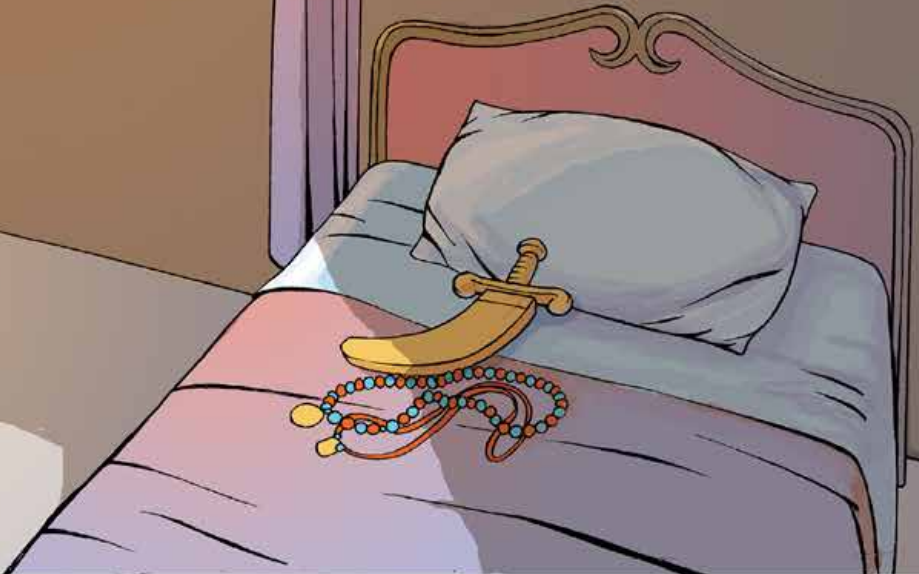
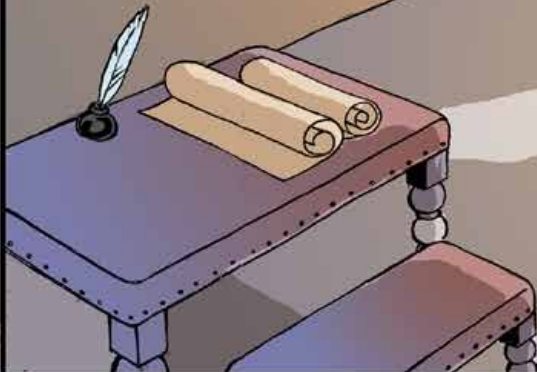
Um pouco mais adiante, Njinga descobre estupefaca o imenso hangar de escravos de Luanda: diante dos seus olhos, colunas de escravos são vendidas e embarcadas em negreiros. Em poucos anos, Luanda tornou-se um dos maiores centros de exportação de escravos do continente africano.

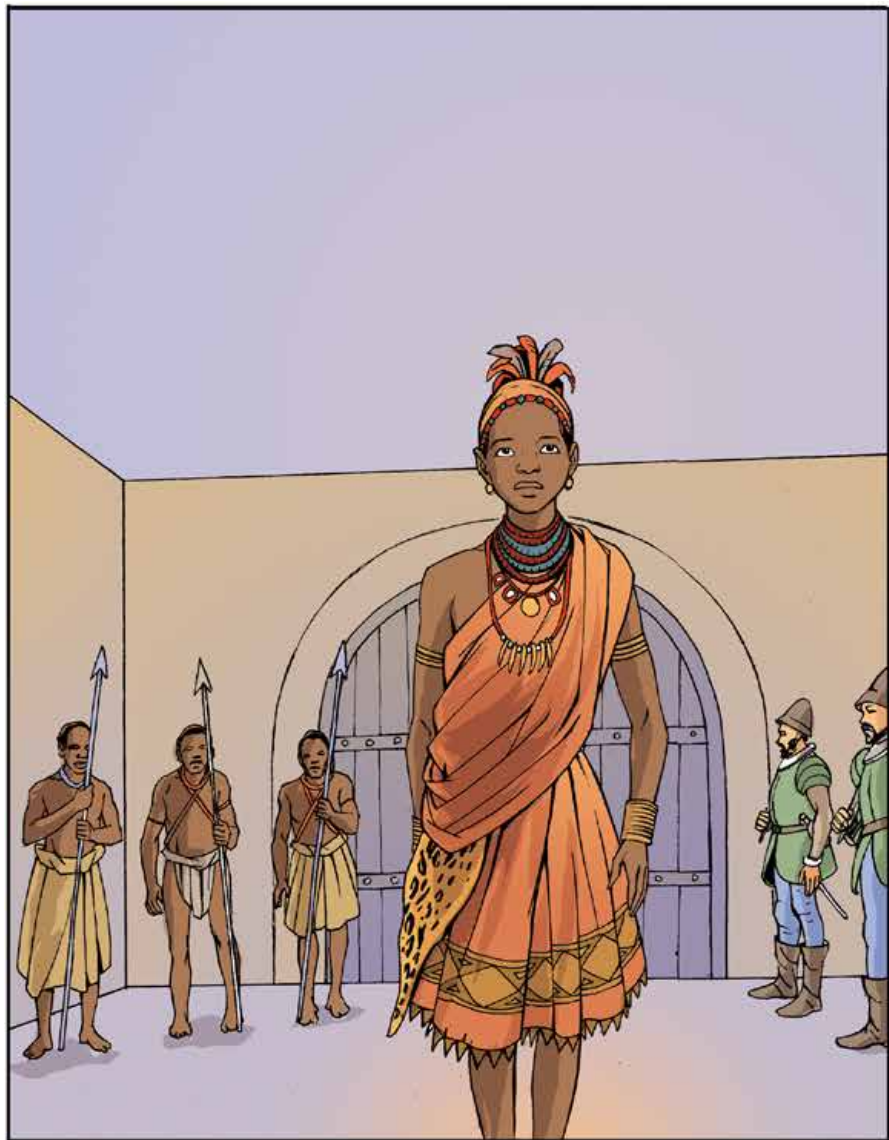


Pouco tempo depois da sua chegada, os portugueses recebem Njinga com respeito e colocam uma residência à sua disposição.



Mesmo antes da negociação, Njinga isola-se. Pensa nos homens, nas mulheres e nas crianças embarcados nos negreiros: para onde vão? Que sorte os espera? Pensa também com tristeza no filho assassinado pelo irmão dela anos antes.





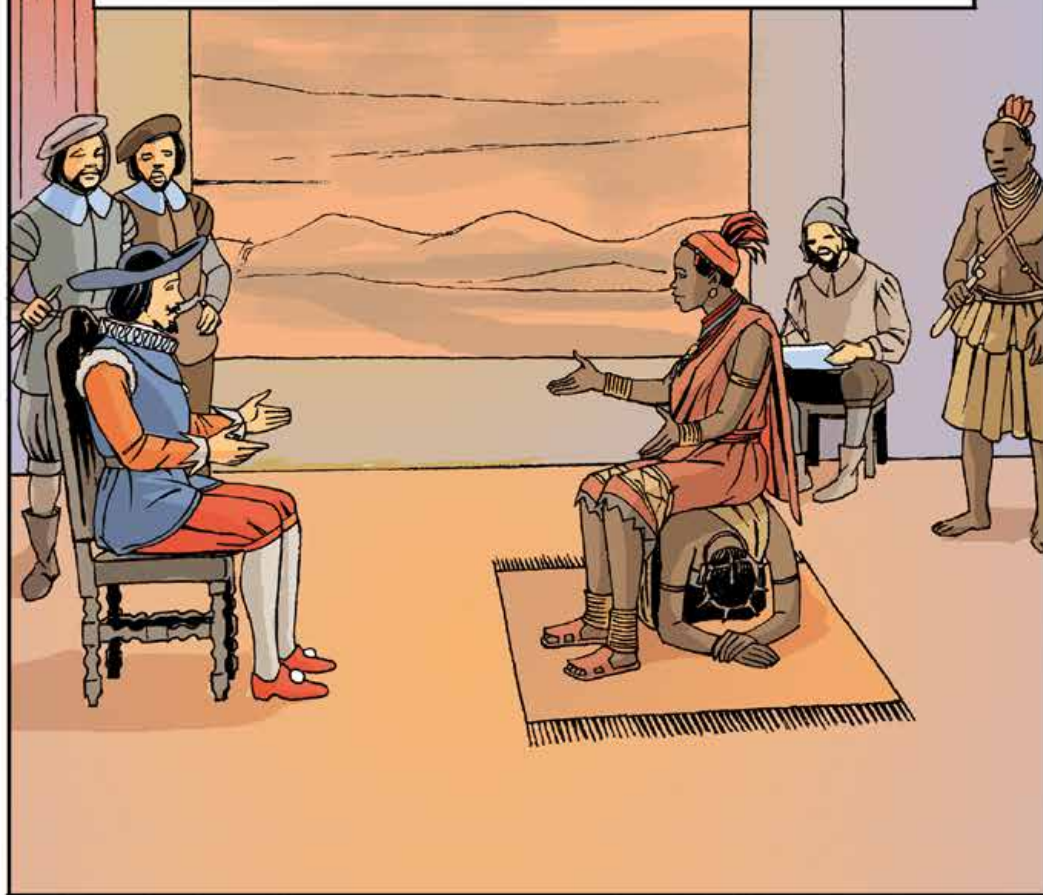
É chegado o momento da negociação. Mas qual não é o espanto de Njinga ao chegar ao palácio: numa sala de recepção está um tapete no chão para que se possa sentar, enquanto o vice-rei está sentado num grande cadeirão!




Com um simples olhar, Njinga fez sinal à sua acompanhante: esta agachou-se imediatamente diante dela, apresentando-lhe as costas para que ela se sentasse nelas.



Com este golpe de luz real, Njinga mostra ao vice-rei que não veio cumprir um acto de obediência, mas tratar de igual para igual. A negociação começa.





Senhora, propomos a paz sob condição de libertação de todos os nossos prisioneiros de guerra.

Não vemos qualquer inconveniente nisso. E será cumprido quando vocês se comprometerem a respeitar as nossas fronteiras e deixarem de se impor com brutalidade nas nossas terras.

A negociação é dura, mas cortês. O vice-rei, à semelhança de toda a assembleia, está surpreendido com a eloquência de Njinga, a sua vivacidade e o seu domínio do português. Não esperavam um negociador tão forte.

Senhora, assim será, as novas fronteiras do Ndongo serão respeitadas. Mas avancemos um pouco: propomo-nos colocar o vosso reino sob a protecção do Rei de Portugal em troca de um tributo anual de 12 000 escravos.



Senhor, exigem um tributo a um povo que vocês levaram à miséria extrema. Sabeis perfeitamente que se pagarmos esse tributo no primeiro ano, faremos guerra no ano seguinte para nos libertarmos. Contentem-se em pedir o que vos podemos dar!

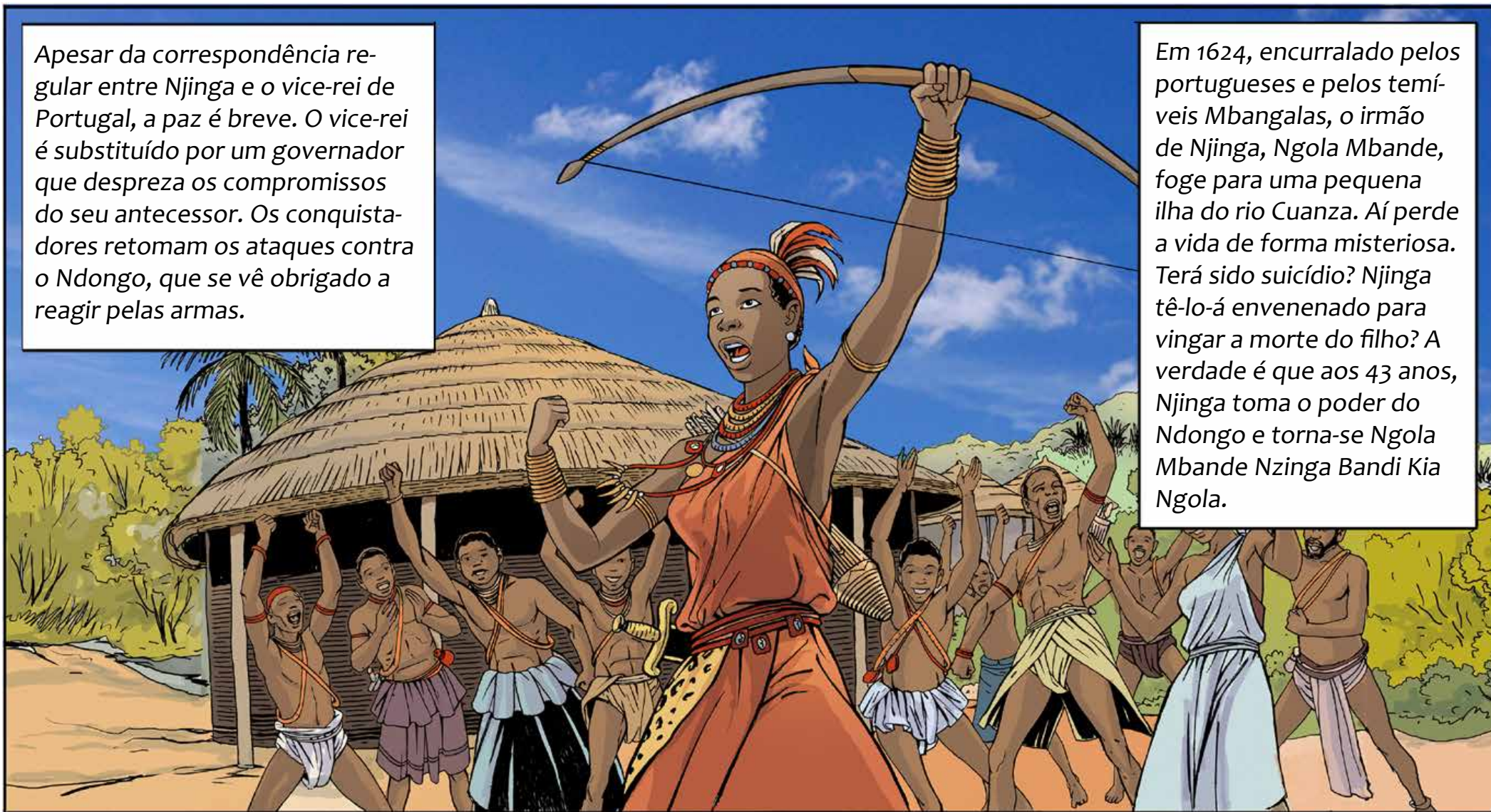


Njinga conseguiu um duplo acordo : o recuo das tropas portuguesas para fora do Ndongo e o respeito pela sua soberania.

Em troca, ela cede a abertura de vias comerciais com os portugueses. A convite do vice-rei, prolonga a sua estadia em Luanda e é introduzida no meio da alta sociedade colonial. Depois de alguns meses aceita deixar-se baptizar com o nome de Dona Ana de Sousa, esperando desta forma beneficiar as relações diplomáticas entre o Ndongo e Portugal. Tem então 40 anos.



Apesar da correspondência regular entre Njinga e o vice-rei de Portugal, a paz é breve. O vice-rei é substituído por um governador que despreza os compromissos do seu antecessor. Os conquistadores retomam os ataques contra o Ndongo, que se vê obrigado a reagir pelas armas.



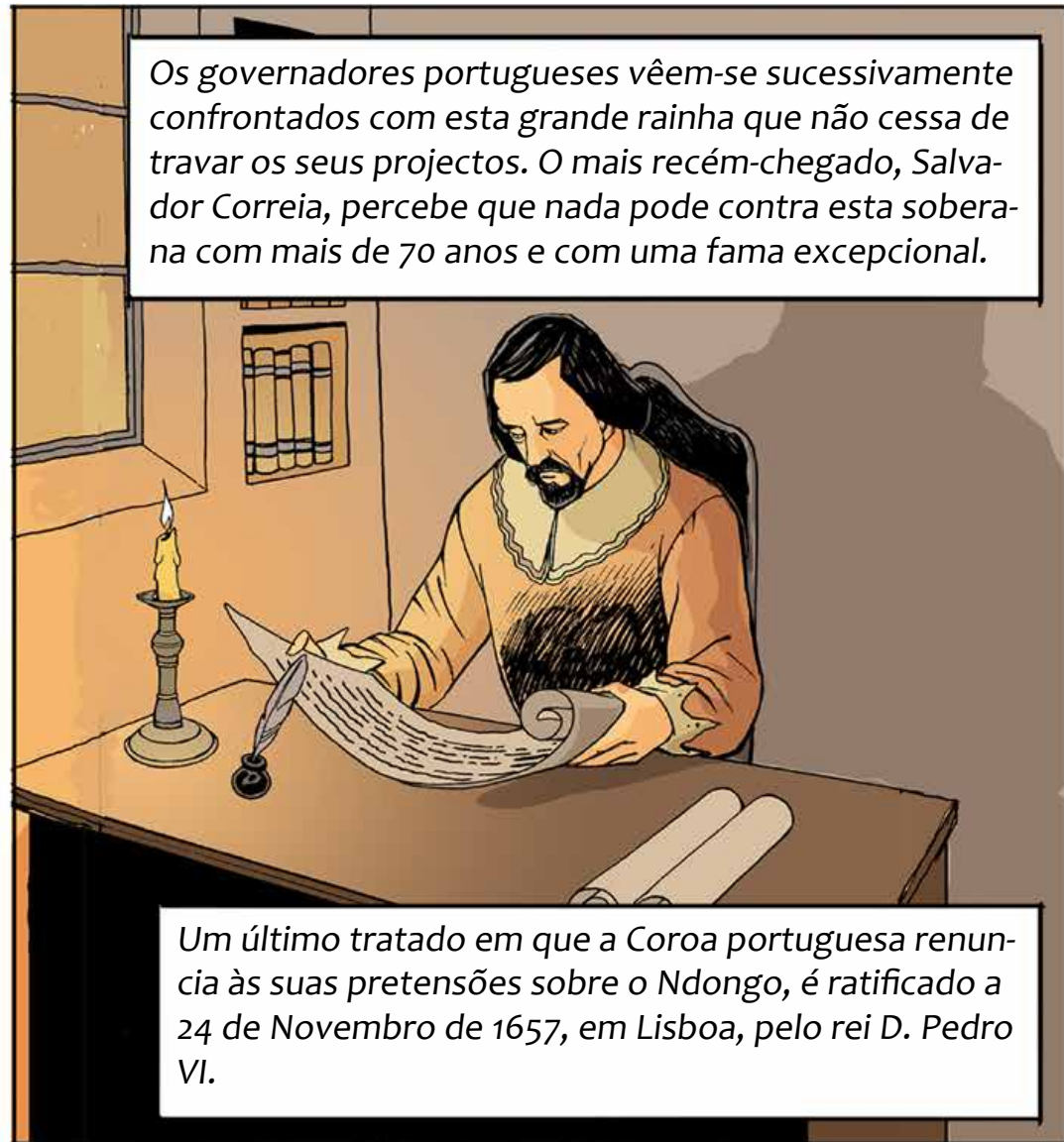
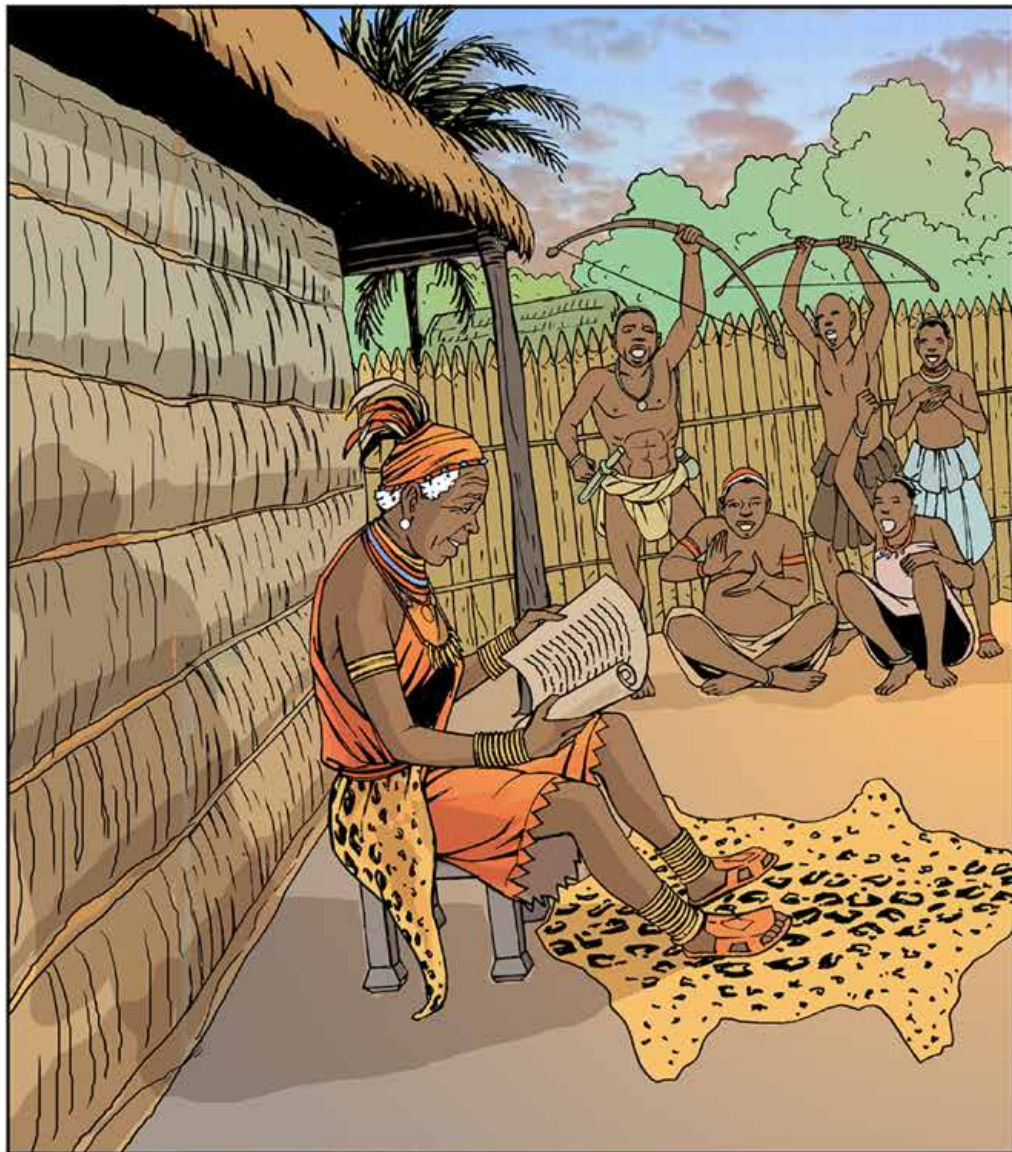
Em 1624, encurralado pelos portugueses e pelos temíveis Mbangalas, o irmão de Njinga, Ngola Mbande, foge para uma pequena ilha do rio Cuanza. Aí perde a vida de forma misteriosa. Terá sido suicídio? Njinga tê-lo-á envenenado para vingar a morte do filho? A verdade é que aos 43 anos, Njinga toma o poder do Ndongo e torna-se Ngola Mbande Nzinga Bandi Kia Ngola.

Impõe a sua autoridade aos chefes locais e conquista o reino vizinho de Matamba, tomando desde logo o corpo da defesa dos seus reinos.



Durante quatro décadas, a rainha do Ndongo e do Matamba opor-se-á com vigor aos projectos coloniais portugueses, tecendo estratégias, mantendo uma hábil correspondência diplomática e dirigindo ela própria muitas vezes as operações militares.





Os governadores portugueses vêm-se sucessivamente confrontados com esta grande rainha que não cessa de travar os seus projectos. O mais recém-chegado, Salvador Correia, percebe que nada pode contra esta soberana com mais de 70 anos e com uma fama excepcional.

Um último tratado em que a Coroa portuguesa renuncia às suas pretensões sobre o Ndongo, é ratificado a 24 de Novembro de 1657, em Lisboa, pelo rei D. Pedro VI.



A Rainha Njinga morre aos 82 anos, a 17 de Dezembro de 1663. Ao longo de toda a sua vida, com coragem, obstinação e um grande sentido estratégico, nunca desistiu perante a adversidade. Impôs-se como uma soberana excepcional no Ndongo e no Matamba, opondo forte resistência aos projectos coloniais na região. Em Angola, no Brasil, em África e em muitos outros países, ela é ainda hoje uma figura histórica incontornável.

4 Dossier pedagógico

ÍNDICE

- 1. Contexto histórico: os Portugueses no Ndongo e a resistência**
 - 1.1 Reinos locais
 - 1.2 O Tráfico de escravos
 - 1.3 O Ndongo encurralado pelos Portugueses
 - 1.4 A resistência
 - 1.5 Emergência de uma figura política regional
- 2. Uma governação feminina fora do comum**
 - 2.1 Uma mulher letrada e culta
 - 2.2 Uma estratega e diplomata de excepção
 - 2.3 Um modelo para as mulheres

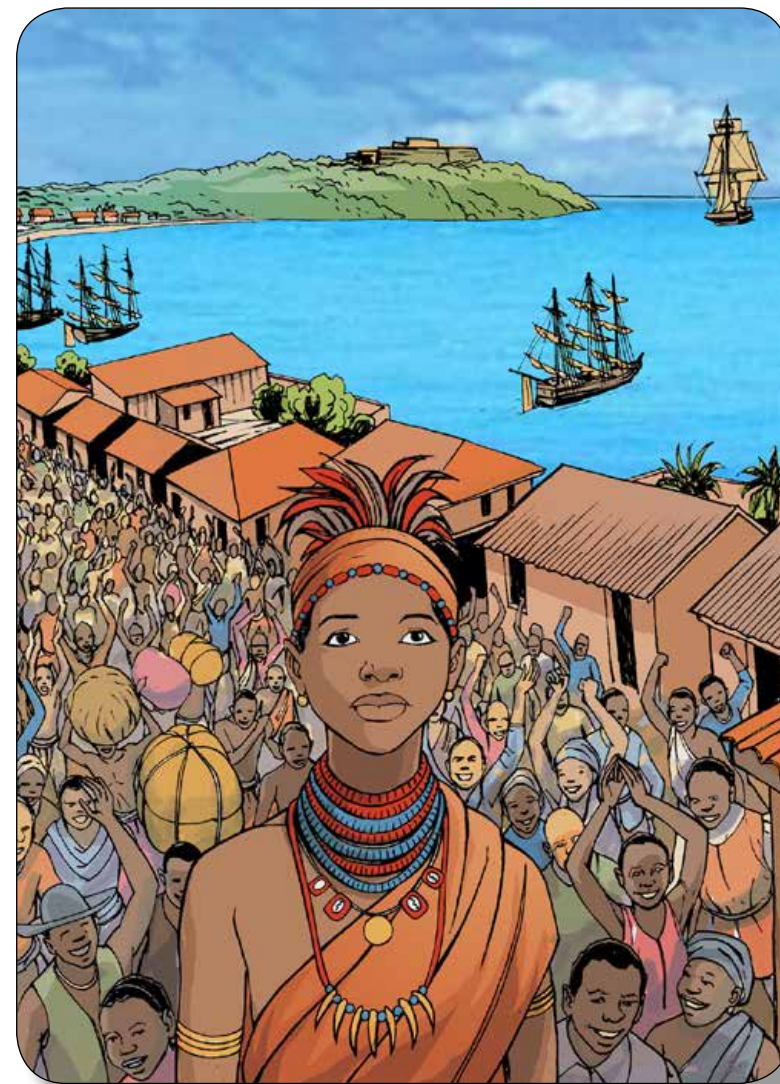




Ilustração do pintor francês Achille Devéria representando Njinga a Mbande, 1830.

Personagem de Njinga a Mbande representada na Congada no Brasil em 2011. Fotografia de Luciano Osório.

3. Njinga, uma inesgotável fonte de inspiração

- 3.1 Identidades plurais e simbólicas
- 3.2 Njinga nas artes no passado
- 3.3 Njinga nas artes hoje
- 3.4 Representações religiosas nas comunidades de Afrodescendentes

4. Njinga para lá das fronteiras

- 4.1 Uma personagem intimamente ligada à identidade angolana
- 4.2 Um símbolo pan-africano
- 4.3 Uma referência nas sociedades de Afrodescendentes



1. Contexto histórico: os Portugueses no Ndongo e a resistência

Introdução

A chegada dos Portugueses ao Ndongo no final do século XVI transtornou o contexto local. As guerras de conquista, o tráfico negreiro e a emergência de novos mercados económicos transformaram a paisagem política, social, económica e cultural da região

É neste contexto de resistência que Njinga a Mbande se impôs na história de África como um notável exemplo de governação feminina.

1.1 Reinos locais

No século XVI, a África central é composta por diferentes reinos, entre os quais se encontra na primeira linha o grande reino Kongo, mas também outros mais pequenos, como o Ndongo e Matamba, que vão deixando progressivamente a sua esfera de influência.

Naquele tempo, as organizações políticas e espaciais dessas entidades políticas são relativamente comuns: baseiam-se num poder central e escalões intermediários, no Ndongo por exemplo, são designados os sobas (chefes).

Os intercâmbios económicos entre os diferentes reinos permitem a circulação de produtos complementares, nomeadamente entre a costa e o interior das terras. E incidem em particular no ferro, no marfim, nos tecidos, no sal, nos produtos da pesca, nos produtos agrícolas e de criação de gado.



Caravelas Portuguesas.
Pintura de Frederic Leonard King, 1934-1935.

No Ndongo, o poder central, que se transmite tradicionalmente por linhagem, está sediado no interior das terras, no cruzamento de rotas comerciais, para controlá-las melhor.

1.2 O tráfico de escravos

Desde início do século XVI, os Portugueses e os Espanhóis lançam grandes expedições à conquista de novos territórios pelo mundo. Ambicionam alargar a sua influência política e desenvolver as suas relações comerciais. Os Holandeses, os Franceses e os Ingleses travam-lhes o passo logo no século seguinte.

A empresa mercantil de Portugal, em particular o tráfico massivo de escravos em Luanda a partir de finais do século XVI teve um grande impacto nas populações e reinos locais.

Em Angola, o tráfico de escravos manteve-se até meados do século XIX. Oriundos de capturas, guerras, razias e mercados locais, milhões de crianças, mulheres e homens foram deportados para o Brasil, América Central e Portugal. Além disso, a intenção portuguesa de alargar o seu império pelo país criou conflitos, resistências e jogos de alianças políticas, quer entre os invasores e os poderes locais, quer entre os diferentes poderes locais.



Mapa dos Reinos do Congo, Angola e Benguela. Extraído de David Rumsey Map Collection.

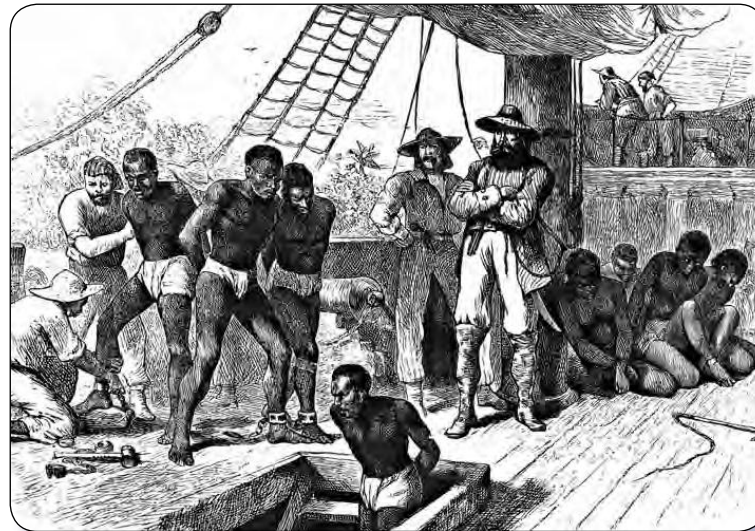
1.3 O Ndongo encurralado pelos Portugueses

O navegador e conquistador português Paulo Dias de Novais funda em 1575 a cidade portuária de São Paulo da Assunção de Loanda, cidade hoje conhecida pelo nome de Luanda. A partir de 1580, os Portugueses intensificam o comércio de escravos, entram em guerra contra o Ndongo e lançam assalto a todo o país.

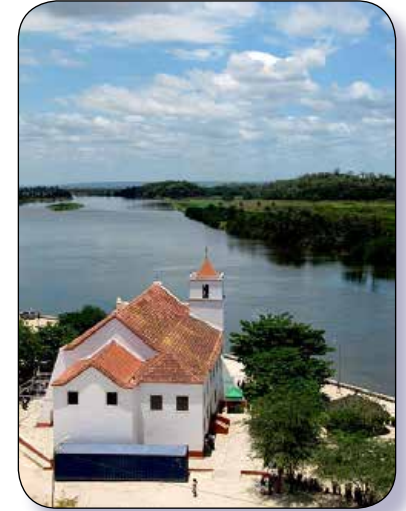
Progridem por etapas no interior das terras, a partir de fortes erguidos ao longo do rio Kwanza. A construção do forte de Ambaca (1611) aproxima-os de Kabasa, a capital do Ndongo, situada a cerca de 250 km da costa. Durante décadas os sucessivos soberanos do Ndongo resistem a esse avanço, mas são obrigados a ceder perante as armas portuguesas e as manobras diplomáticas da Coroa de Portugal.

Sucessivos Soberanos do Ndongo de 1575 à 1663:

Njinga Ngola Kilombo Kia Kasenda	(1575 - 1592)
Ngola Mbande Kiluanji	(1592 -1617)
Ngola Mbande	(1617 -1623)
Njinga a Mbande	(1623 - 1663)



Embarque de cativos a bordo de um navio europeu. Ilustração extraída da História geral de África da UNESCO.



O Rio Kwanza e a igreja de Nossa Senhora da Conceição, construída pelos Portugueses no final do século XVI. Fotografia de Paulo César Santos.



A resistência dos reinos africanos face aos Europeus.
Ilustração extraída da História geral de África da UNESCO

1.4 A resistência

A resistência do Ndongo, encarnada especialmente por Njinga a Mbande, permitiu abrandar os projectos portugueses. Aquela mulher de poder apoiou-se não apenas na sua arte da guerra e da guerrilha, nas táticas de espionagem, mas também nas suas grandes competências de negociadora.

Enviada como embaixadora a Luanda pelo seu irmão Ngola Mbande em 1622, Njinga consegue negociar a paz com o governador português. Depois da morte do irmão, Njinga toma o poder e opõe uma resistência feroz aos Portugueses até à morte em 1663.

Apesar das inúmeras tentativas para a capturar, Njinga consegue frustrar todos os complots. Depois da sua morte, a ocupação portuguesa acentua-se para o interior do continente com o objectivo de alimentar os balcões de recrutamento de tráfico de escravos. 7000 soldados do exército de Njinga serão enviados para o Brasil como escravos.

1.5 Emergência de uma figura política regional

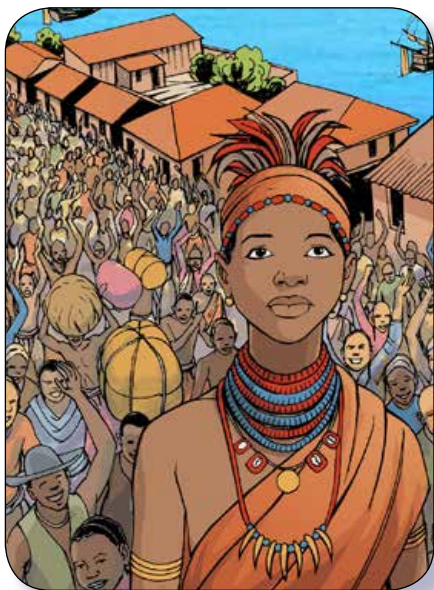
Ao longo de décadas, Njinga teceu múltiplas alianças estratégicas com os reinos vizinhos (Kongo, Kassanje, Kissama), negociado com os Portugueses e os Holandeses, e tomado sob a sua protecção as populações que se juntaram ao seu reino. Ela também soube impor o seu poder, por vezes até a populações inteiras. Pouco a pouco foi-se transformando numa potente figura política regional, incontornável, muitas vezes temida, mas nunca submissa.

Assim, Njinga nunca aceitou a perda do Ndongo. Mesmo quando esteve refugiada no Matamba, que ela tinha tomado, assinava a correspondência com o título Njinga a Mbande Ngola, isto é Rainha do Ndongo e do Matamba. Por se considerar rainha dos dois reinos, é conhecida também sob o apelido de «rainha dupla».

No plano económico, ao autorizar o comércio de escravos entre o reino de Matamba e Luanda, ela permitiu a circulação de diversos produtos entre estas duas regiões (animais domésticos, peixes, fibras têxteis, óleo e vinho de palma), contribuindo assim para a criação dos kitandas, mercados populares e espaços económicos e sociais importantes, onde as mulheres têm um papel preponderante (Kwononoka, 2012).



Uma Zungueira (vendedora ambulante angolana), Luanda, República de Angola.
Fotografia de Gilson Oliveira, 2010.



2. Uma governação feminina fora do comum

Introdução

Por ter assumido um papel determinante na história do seu país e ter permitido uma verdadeira revolução sociopolítica e cultural, Njinga inspira há séculos as mulheres africanas.

A sua inteligência, a sua elegância política e diplomática, o seu sentido táctico militar, tornaram-na conhecida em todo o continente africano como uma mulher excepcional e uma figura histórica incontornável.

2.1 Uma mulher letrada e culta

A rainha Njinga era uma mulher letrada e culta. Falava tão bem a língua materna como a língua dos portugueses com quem devia negociar. Redigia ela própria a correspondência endereçada aos reis de Portugal D. João IV, D. Afonso VI e aos governadores destacados em Luanda.

A sua educação, inteligência e domínio das línguas foram mais-valias fundamentais ao longo de toda a vida, permitindo-lhe adaptar-se às situações políticas mais complexas e abonar a seu favor. Além de conhecer as populações com quem tinha de negociar, Njinga conhecia também a língua e cultura portuguesas pelos contactos de infância com os primeiros missionários e comerciantes portugueses de passagem pelo Ndongo.



2.2 Uma estratega e diplomata de excepção

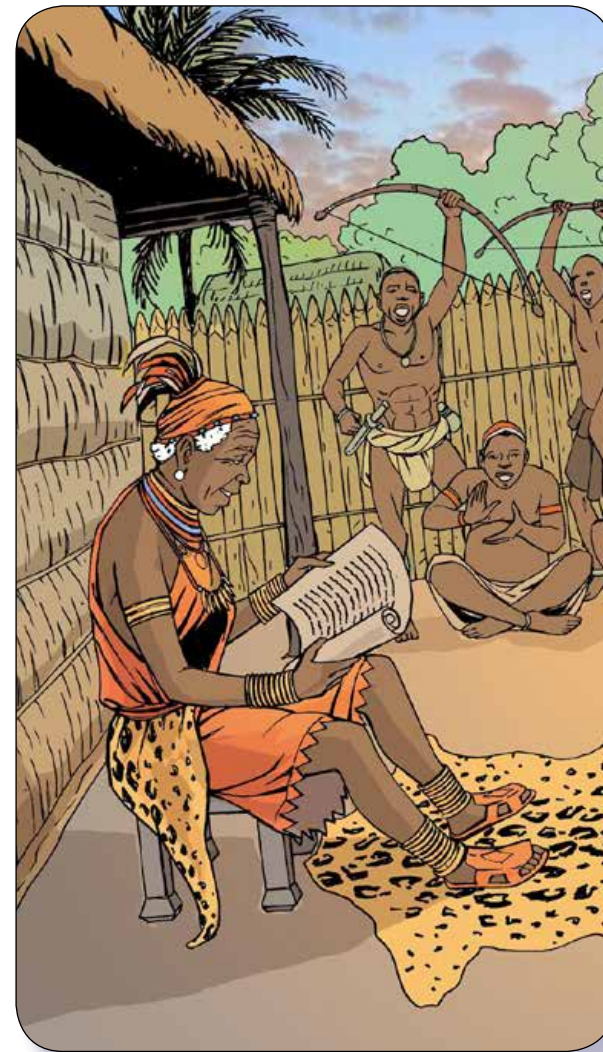
Com grande habilidade diplomática, Njinga negociou com os Holandeses e os Portugueses para preservar a integridade territorial do seu reino. Revelou um grande talento para a estratégia, enviando regularmente espiões a Luanda para travar os projectos coloniais. A missão destes era nomeadamente vigiar a chegada de reforços de Lisboa e estudar o treino dos conquistadores. Desta forma, Njinga estaria em condições de preparar o seu exército para aquelas técnicas de combate. Ao privilegiar as táticas de guerrilha, ela atacava de noite para surpreender o adversário. Em trinta anos de guerra, conseguiu dismantelar todas as armadilhas que tinham como objectivo capturá-la.

Além disso, tinha perfeita noção das implicações religiosas e comerciais. Utilizava frequentemente a promessa de conversão dos povos do Ndongo ao cristianismo como elemento de negociação com os Portugueses. Aliás, ela mesma aceitou ser baptizada em 1623, aquando da sua visita a Luanda.

2.3 Um modelo para as mulheres

A sua acção e força de carácter inspiraram grandes figuras da resistência do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) durante toda a luta pela independência de Angola. Pensemos em especial em Deolinda Rodrigues, Irene, Engrácia, Vastok, Inga, Mambo Café, Rodeth Gil e Rita Tomás.

Actualmente, as mulheres angolanas dão testemunho de uma considerável independência social: estão presentes no exército, na polícia, no governo e nos sectores público e privado da vida económica do país. Njinga é um modelo de liderança para todas as gerações de mulheres angolanas.



Njinga a Mbande – Dossier pedagógico



Ilustração do pintor francês Achille Devéria representando Njinga Mbande, 1830.



Uma professora de escola primária em Luanda, Angola.

Fotografia de David Blumenkrantz, 2010.

3. Njinga, uma inesgotável fonte de inspiração

Introdução

Desde a sua primeira acção brilhante face ao Governador João Correia de Sousa, durante a negociação do tratado de paz de 1622 em Luanda, a rainha dupla impôs-se como uma fonte de inspiração permanente.

O seu carisma e a complexidade da sua personalidade sempre fascinaram os missionários que estavam muito perto dela mas também os autores europeus, africanos e brasileiros e, mais amplamente, os artistas de todos os países.

Njinga também inspirou ritos religiosos de comunidades de afrodescendentes em todos os lugares no mundo.

3.1 Identidades plurais e simbólicas

São vários os nomes atribuídos a Njinga por razões ortográficas ligadas à transcrição da língua kimbundu, mas também porque a própria rainha assinava a correspondência com diferentes nomes. Os últimos nomes que lhe são atribuídos derivam da sua conversão ao catolicismo, em 1623, em Luanda. Eis uma lista não-exaustiva dos diferentes nomes que lhe são dados: Njinga a Mbande, Nzinga Mbande, Jinga, Singa, Zjinga, Ginga, Njingha, Ana Nzinga, Ngola Nzinga, Nzinga de Matamba, Zinga, Zingua, Mbande Ana Nzinga, Ann Nzinga, Dona Ana de Sousa.

Na língua portuguesa, o verbo gingar refere-se a um movimento corporal. Em sentido figurado, o verbo evoca a leveza perante os obstáculos, nomeadamente nas negociações, referindo-se à rainha Njinga.

3.2 Njinga nas artes no passado

Em 1687, num livro dedicado à rainha dupla, o padre italiano Cavazzi descreve o célebre encontro em 1622 entre Njinga e o governador de Portugal Correia de Sousa, em Luanda, para negociar o tratado de paz.

Quando a rainha chega à sala de recepção, o governador não lhe oferece nenhuma poltrona para se sentar. Ferida na sua sensibilidade, pede a uma das acompanhantes que se ajoelhe e se dobre para fazer dela um assento e assim poder negociar de igual para igual. Esta cena inspirou o padre Cavazzi a fazer uma gravura que ficou célebre.

Em 1769, o autor francês Jean-Louis Castilhon publica *Zingha, Reine d'Angola* [Zingha, Rainha de Angola], o primeiro romance histórico sobre África que propõe uma perspetiva anti-colonialista. Este romance, que descreve a rainha como uma personagem rica, paradoxal e complexa, causará sensação.

Em 1830, o ilustrador francês Achille Devéria, entusiasmado pelas descrições que leu sobre a soberana do Ndongo e do Matamba, decide desenhar o seu retrato. A representação imaginária que faz de Njinga a Mbande vai impor-se na Europa como a ilustração oficial da rainha Nzinga.



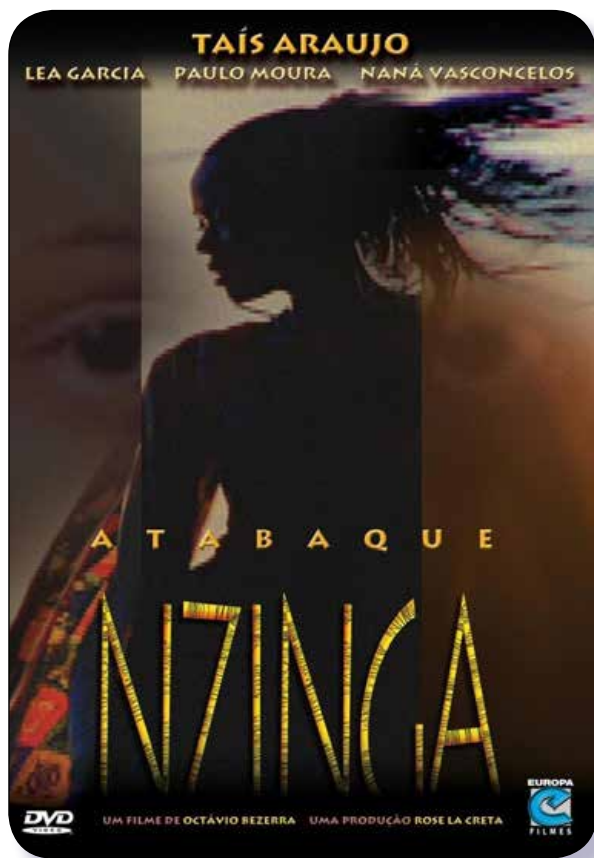
Ilustração representando a negociação entre Njinga a Mbande e vice-rei de extraída da obra *Njinga, Reine d'Angola*. A Relação de Antonio Cavazzi de Montecuccolo.

3.3 Njinga nas artes hoje

Mais recentemente, inspirou diversos autores e artista. Eis alguns exemplos: Em 1960, Agostinho Neto escreve o poema *O Içar da Bandeira* em homenagem aos heróis do povo angolano, referindo-se a Njinga.

Em 1975, Manuel Pedro Pacavira publica o romance *Njinga a Mbande*.





Cartaz do filme Njinga, do realizador brasileiro Octávio Bezerra, 2007.

Njinga inspirou além disso um filme epónimo realizado em 2007 pelo realizador brasileiro Octávio Bezerra.

No Brasil, o romance de Alberto Mussa O Trono da Rainha Ginga foi usado como homenagem feita à rainha no Carnaval de 2010 no Rio de Janeiro.

3.4 Representações religiosas nas comunidades de Afrodescendentes

A personagem de Njinga a Mbande inspirou diversas religiões de origem africana. No Haiti, numa variante do vodu, Njinga é simbolizada como uma personagem Bantu-Ewe-Fon.

No Brasil, Njinga é representada no Candomblé (religião afro-brasileira) pela personagem «Matamba», senhora dos trovões, dirigente da guerra e amiga dos heróis. É invocada num ritual de mulheres que procuram a força para resolver os seus problemas.

Njinga está também presente na tradição brasileira na Congada, um rito religioso em homenagem a santos negros que mistura tradição africana e cultura europeia. Neste rito, a coroação do rei do Kongo e da rainha Njinga simboliza a chegada do cristianismo a Angola e ao Brasil.

4 Njinga a Mbande para lá das fronteiras

Introdução

Sob impulso da República de Angola, a UNESCO celebra este ano de 2013 o 350º aniversário da morte de Njinga, personagem incontornável da História de África. Esta celebração salienta a importância da sua influência em Angola, em África, na Europa e em diversas sociedades afrodescendentes.

4.1 Uma personagem intimamente ligada à identidade angolana

Njinga contribuiu para moldar a identidade angolana, pelos seus sucessivos deslocamentos na região, pela sua capacidade para criar alianças, pela forma como conseguiu submeter e federar povos.

Ela assume-se hoje como uma referência cultural para diferentes grupos culturais de Angola. Embaixadora, negociadora, estratega, compatriota, Njinga é uma figura histórica essencial para compreender a construção da identidade nacional angolana.

Durante a guerra de libertação de Angola (1961-1974), a recordação de Njinga foi reavivada pelos líderes nacionalistas, que fizeram dela um ícone da independência. Em 1975, quando a independência do país foi proclamada, foi-lhe dedicada uma estátua em Luanda, como símbolo da resistência e da liberdade.

Hoje Niinga ocupa um lugar importante no imaginário popular de Angola, simultaneamente símbolo de identidade, de resistência e de coesão social.



Estátua de Njinga a Mbande em Luanda, Angola. Fotografia de Erik Cleves Kristensen, 2009.



Personagem de Matamba no Candomblé. Fotografia de Ana Alves, 2012.



Personagem de Njinga a Mbande representada na Congada no Brasil em 2011. Fotografia de Luciano Osório.

4.2 Um símbolo pan-africano

O espírito de resistência e de liberdade simbolizada na figura de Njinga ultrapassa largamente as fronteiras angolanas. Esta rainha encarna hoje uma figura central da História de África, como símbolo de resistência face às ambições colonizadoras da Europa.

Depois da morte de Njinga, durante séculos, muitos países africanos resistiram e lutaram pela sua independência até obtê-la no século XX. Em África, a memória de Njinga inspirou as lutas pela independência.

4.3 Uma referência nas sociedades de Afrodescendentes

O seu esplendor estende-se até à América. A sua memória é conhecida em diversas comunidades afrodescendentes através de histórias, lendas e espírito de resistência que atravessaram o Atlântico com os navios negreiros. A rainha Njinga faz parte da memória comum do mundo afro-atlântico.

Assim, no Brasil, vários grupos de capoeira têm o seu nome (a capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira, símbolo de resistência, que mistura arte marcial, cultura popular e música). Rosângela Costa Araújo, também conhecida como Mestre Janja, inspirou-se na rainha dupla para criar o instituto Grupo Njinga de Capoeira Angola, centro de educação e de inserção social dedicado à capoeira. O seu principal objectivo é promover a igualdade de género no seio desta disciplina, tradicionalmente masculina.



Procissão de Congada no Brasil. Fotografia de Luciano Osório, 2011



Mestre Janja na sua Escola de Capoeira, no Brasil. Fotografia de Ernesto Vara, 2011.



Crianças na Escola de Capoeira Njinga no Brasil. Fotografia de Rita Barreto, 2013.



Njinga a Mbande – Dossier pedagógico

5 Bibliografia

Diversos documentos permitem retratar os feitos da rainha dupla: relatórios militares portugueses, arquivos de governadores, cartas de Njinga aos reis de Portugal D. João IV e D. Afonso VI, contos de dois missionários italianos que se sucederam na sua corte (Antonio de Gaete e Antonio Cavazzi da Montecuccolo). Além disso, existe hoje bastante literatura científica angolana, portuguesa e brasileira sobre esta personagem. A tradição oral alimentou em grande parte a memória da história da rainha Njinga.

*

Benjamin, R., Neto, J.B., Alves, A. 2008. *A Rainha Ginga*. A Africa está em nós. [Reine Nzinga, l'Afrique est en nous]. Collection Baobá. 2008.

Cavazzi, A. 1687 (2010). *Njinga, Reine d'Angola. La Relation d'Antonio Cavazzi de Montecuccolo*. Paris, Editions Chandeigne.

Take, I. B. 1975. *Anne Zingha, Reine d'Angola*. Paris : Editions ABC.

Lienhard, M. 2000 *Ginga, Rainha 1582-1663 [Reine Nzinga 1582-1663]*. Anais de História de Além-Mar [Annales de l'histoire des territoires d'outre-mer]. Lisbonne, n. 1, pp. 245-272.

Mata, I. (éd.) 2012. *A Rainha Nzinga Mbandi : História, Memória e Mito [Reine Nzinga Mbandi, Histoire, Mémoire et Mythes]*. Colóquio Internacional sobre a Rainha Nzinga [Colloque international sur la Reine Nzinga Mbandi]. Lisbonne.

Mussa, A. 2007. *O Trono da Rainha Jinga [Le trône de la Reine Nzinga]*. Record, Rio de Janeiro, São Paulo.

Pacavira, M. P. 1985. *Nzinga Mbandi, União dos escritores angolanos [Union des écrivains angolais]*. Luanda.

Randles, W. 1969. *L'ancien royaume du Congo, des origines à la fin du XIX^e siècle*. Paris : Mouton.

Serrano, C. 1995/1996. *Ginga, a Rainha Quilombola de Matamba e Angola [Ginga, la Reine du Quilombola de Matamba et d'Angola]*. Revista USP No. 28, Dossier Povo Negro, 300 anos [Dossier du peuple noir, 300 ans].

UNESCO. 1998. *História Geral da África, Volume V*, Paris : UNESCO Publications.

Visite e partilhe o site da UNESCO sobre as mulheres na história de África

www.unesco.org/womeninafrica



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba

Njinga a Mbande (1581-1663), rainha do Ndongo e do Matamba, marcou a História de Angola do século XVII. Diplomata engenhosa, negociadora hábil, e temível estratega, Njinga opõe forte resistência aos projectos coloniais portugueses até à sua morte em 1663

Mulheres na história de África

A série UNESCO Mulheres na história de África tem o objectivo de revelar uma selecção de figuras femininas da História de África. Através de uma selecção de 20 personagens, dá testemunho de que, em todos os tempos, as mulheres estiveram presentes na história de África, em domínios tão diversos como a política (Gisele Rabesahala), a diplomacia e a estratégia militar (Njinga a Mbande), a defesa dos direitos humanos (Funmilayo Ransome-Kuti), ou a protecção ambiental (Wangari Maathai).

Esta lista de 20 mulheres não é por certo exaustiva e representa apenas uma ínfima parte do contributo das mulheres africanas, sejam elas conhecidas ou anónimas, para a história do seu país, de África e de toda a Humanidade.

Para obter mais recursos, visite o site www.unesco.org/womeninafrica

O projecto UNESCO Mulheres na história de África recebeu o apoio financeiro da República da Bulgária.



República da Bulgária